



UC/FPCE_2012

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Confiança Interpessoal nos Pares em contexto de grupo-turma e Crenças de Confiança Generalizadas : estudo exploratório com uma turma do 5º ano de escolaridade

Daniela Alves Nunes e Silva (e-mail: dannusil@yahoo.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação Desenvolvimento e Aconselhamento sob a orientação da Professora Doutora Maria São João Castilho Brêda e da Professora Doutora Maria da Luz B. Rodrigues Vale Dias

Confiança Interpessoal nos Pares e Crenças Generalizadas de Confiança

Resumo: O presente estudo teve por base o modelo BDT (Bases Domínios e Alvos) da Confiança Interpessoal de Rotenberg (Rotenberg, 2010) para a abordagem a este constructo. Teve como objetivo principal obter dados, explorar e comparar resultados, com uma amostra de crianças portuguesas dos 10 aos 12 anos, para o estudo de associação de duas medidas de confiança interpessoal em crianças, a versão portuguesa da Escala de Crenças Generalizadas de Confiança Interpessoal, originalmente da autoria de Rotenberg et. al. (2005), CGTBS, versão portuguesa de 24 itens (Breda & Vale-Dias, 2012), e a tarefa adaptada do Dilema do Prisioneiro (Rotenberg et. al., 2002) com o intuito de contribuir para a validação da Escala CGTBS na sua Subescala de Alvo Pares. Deste modo, se pretende estudar a associação de medidas de confiança interpessoal que envolvem diferentes facetas do modelo, bem como diferenças na dimensão que caracteriza os alvos (generalizado versus específico). Um segundo objetivo consistiu em analisar a relação das crenças generalizadas das crianças com o grau de reciprocidade de confiança que estabelecem com os seus pares específicos no grupo-turma: serão as crianças que têm mais confiança recíproca nos pares diferentes das que manifestam menos confiança recíproca nos pares da turma, no plano das crenças generalizadas?

O estudo empírico teve um carácter exploratório: privilegiou a descrição de padrões nos dados e a identificação de métodos apropriados a um estudo de mais larga escala. A amostra foi constituída por uma turma de alunos do 5º ano de escolaridade (16 alunos) (Turma 1) e 5 alunos de uma turma PCA (turma 2).

As análises realizadas às qualidades e características das medidas, incluíram, fidelidade e estatísticas descritivas. No estudo da associação das medidas e da relação com a reciprocidade, foram privilegiados métodos exploratórios: Procedeu-se à identificação de Clusters com base nos scores tanto da tarefa do Dilema do Prisioneiro como da Reciprocidade obtida nessa mesma tarefa, seguidamente fez-se a caracterização desses grupos / clusters nas suas pontuações de crenças generalizadas de confiança interpessoal obtidos a partir da Escala CGTBS (medidas de tendência central e de dispersão). Foram assinalados e ilustrados os métodos inferenciais e respetivos testes: correlações, comparação de medida central entre grupos, teste à igualdade da variância entre grupos.

Observou-se que a escala CGTBS portuguesa possui para a amostra em apreço um nível de fidelidade elevado. Não se verificou, no entanto, tendência de relação linear entre os scores das duas medidas, o que levou à consideração de uma nova abordagem e ao levantamento de novas hipóteses, relativamente à natureza da relação entre as medidas. Do mesmo modo, a relação prevista nas hipóteses entre confiança recíproca nos pares específicos na turma por um lado, e as crenças generalizadas de confiança interpessoal, por outro lado, não é suportada completamente pela tendência observável nos dados, mas salienta-se um padrão em que o nível de reciprocidade intermédio, e não o mais alto, apresenta valores moderados e positivos de confiança interpessoal.

Palavras-chave: Confiança, Confiança Interpessoal em crianças, CGTBS-portuguesa, Reciprocidade, Dilema do Prisioneiro.

Interpersonal Trust Beliefs in Peers and Generalized Trust

Abstract: The present study is based on Rotenberg's BDT Model of Interpersonal trust (Rotenberg, 2010) as a framework of research on the issue. The main purpose of the work is to obtain and compare results on the association of two measures of interpersonal trust, the Portuguese version of the Generalized Children Interpersonal trust Scale (Breda & Vale-Dias, 2012) after the original version of Rotenberg et. al. (2005) and the task adapted from the Prisoner's Dilemma for trust in specific peers, classmates (Rotenberg et. al., 2002), with a Portuguese sample of children aged from 10 to 12 years. Results are to be compared with those obtained in Rotenberg et. al. (2002). This study aims to contribute to the validation of the Scale for the CGTBS target peers, compares measures of interpersonal trust involving different facets of the model as well as differences in the target dimensions (different targets; targets ranging from general to specific). A second goal was to understand the correlates at the level of generalized trust beliefs, of reciprocal trust in classmates in children: do children with more reciprocal trust in specific classmates differ in terms of generalized beliefs, from those who display less reciprocal trust in their classmates?

The empirical study was exploratory, aimed at identifying patterns in the data, comparing them to the hypotheses and identifying appropriate methods for a larger study. The respondents sample was a group of students from a 5th grade class (16 children).

Data were analyzed in regard to reliability of the measures and descriptive statistics for our sample. Cluster analysis was performed both on the basis of the scores on the Prisoner's Dilemma Task, and on the reciprocal trust in this task, and the obtained groups / clusters were described and compared in regard to their generalized trust beliefs scores (central tendency and dispersion indicators).

The results suggested that the Portuguese CGTBS scale displays a high level of reliability for the sample under consideration. The linear association between the two trust measures failed to show as a tendency, which led to consideration of new hypotheses and new approaches to understand the relation between the measures. In the same vein, the hypothesized relation between reciprocal trust in specific peers (classmates) and generalized trust beliefs was not observed as expected, instead, a pattern is found in which intermediate level of reciprocity, and not the highest, displays moderate and positive levels of generalized trust beliefs.

Key Words: Trust, Interpersonal Trust, Children's trust, CGTBS Portuguese version, Reciprocity, Prisoner's Dilemma

Agradecimentos

Agradeço às minhas Orientadoras Professora Doutora Maria São João Castilho Brêda e Professora Doutora Maria da Luz B. Rodrigues Vale Dias, por todo o tempo, paciência e disponibilidade demonstrados para responder às minhas dúvidas e para partilharem comigo um pouco do seu conhecimento, tão importantes para o trabalho que culmina com a produção desta tese.

À Direção do Agrupamento de Escolas que concedeu a autorização para a realização do estudo, à Psicóloga do Agrupamento que ajudou neste processo, às Professoras que gentilmente cederam algum do seu tempo letivo para a sua concretização e aos meninos e meninas que se disponibilizaram para participar, sem os quais nada disto seria possível.

Agradeço profundamente à minha mãe e ao meu pai por todo o apoio e incentivo para que caminhasse sempre no rumo certo ao longo de mais esta etapa. Ao meu irmão, que mesmo estando longe sempre me motivou para continuar. À minha Família.

Por último, mas não menos importante, aos meus amigos, que estiveram sempre presentes nos bons e nos maus momentos, que incondicionalmente me ajudaram a chegar até aqui.

A todos os mencionados, e àqueles que mesmo não o tendo sido de alguma forma contribuíram para este resultado, o meu muito obrigado.

Índice

Introdução.....	1
I – Enquadramento conceptual (revisão da literatura).....	3
1. Diversidade dos fenómenos abrangidos na Confiança Interpessoal... 3	
1.1 Conceitos de Crenças Generalizadas e Juízos de Confiabilidade: o papel das Relações de Confiança e os Processos Cognitivo-afetivos.....	6
2- O Modelo BDT de Rotenberg (2010).....	9
II - Objetivos.....	14
III - Metodologia.....	16
1.1- Participantes no Estudo	16
1.2- Instrumentos	17
• Escala de Crenças de Confiança Generalizada para Crianças	17
• Tarefa do Dilema do Prisioneiro (adaptada à população de destino)17	
1.3- Procedimentos	19
IV - Resultados	21
Análises de Fidelidade/ estabilidade das Medidas e Estatística Descritiva: Escala CGTBS Portuguesa e Tarefa Adaptada do Dilema do Prisioneiro.....	21
Diferenças entre Pares do mesmo sexo e Pares de sexo diferente nas avaliações / juízos na Tarefa do Dilema do Prisioneiro	24
Análises da associação entre as medidas de confiança interpessoal CGTBS portuguesa e tarefa baseada no Dilema do Prisioneiro:	25
Análise dos resultados relativos à condição de reciprocidade estabelecida nas perceções e decisões de confiança entre pares e sua associação com CGTBS	32
V - Discussão.....	35
VI - Conclusões	39
Bibliografia.....	40
Anexos.....	43

Introdução

Ao longo da nossa vida necessitamos, desde muito cedo, da ajuda dos outros para sobreviver e para termos alguma qualidade de vida. Para que tal aconteça, precisamos de desenvolver a capacidade de confiar nos outros, de deixar que estes nos auxiliem, sendo na maioria das vezes, este, um ato recíproco. Esta síntese encontramos em Rotenberg (2010): “Estudiosos de todo o mundo defendem que a sociedade não sobrevive a menos que os indivíduos que a compõem consigam estabelecer e manter níveis básicos de confiança interpessoal.” (O’Hara, 2004; Uslander, 2002; Volker, 2002; Warren, 1999 cit. in Rotenberg, 2010, p.3) Em várias abordagens e segundo diferentes autores a Confiança Interpessoal tem sido tida como uma capacidade essencial para o funcionamento humano.

Ao longo do tempo tem vindo a ser consolidado um corpo de evidência que demonstra que a confiança interpessoal no decurso do desenvolvimento está ligada a várias áreas da saúde e do desenvolvimento humano como, por exemplo, à saúde física (por ex. Barefoot, Maynard, Beckham, Brammet, Hooker, & Siegler, 1998); ao desenvolvimento cognitivo (Harris, 2007; Imber, 1973), ao funcionamento social (Rotenberg, Boulton, & Fox, 2005) e ao desenvolvimento e manutenção de relações próximas (Holmes & Remple, 1989). Assim sendo, a confiança interpessoal desempenha, por certo, um papel crucial na saúde física e no funcionamento psicossocial durante a infância e a adolescência (Rotenberg, 2010). De acordo com este autor “(...) devido às trajetórias desenvolvimentais, a confiança interpessoal durante a infância e a adolescência, deverá afetar os indivíduos na adultez, tanto diretamente (ex. níveis de confiança na adultez) como indiretamente (através das precoces ligações à saúde e ao funcionamento psicossocial). Infelizmente há uma escassez de investigação neste campo. Na verdade a maior parte dos livros contemporâneos de psicologia infantil falham ao não incluir nenhuma referência à confiança interpessoal” (Rotenberg, 2010. p. 3).

Sendo esta uma área tão fundamental para o desenvolvimento do Ser Humano, e dada a escassez de trabalhos de investigação nesta área, pretende-se, aqui, conceptualizar um estudo sobre a confiança interpessoal na criança, mais exatamente, sobre a importância da confiança, enquanto crença generalizada no estabelecimento de relações marcadas pela reciprocidade, particularmente com pares.

Este trabalho terá como base o constructo de Confiança Interpessoal desenvolvido e utilizado por Rotenberg, mas para além disso, numa fase inicial e para uma melhor compreensão da temática aqui apresentada serão também revisitadas algumas definições de crenças, bem como de crenças generalizadas, presentes na literatura.

O presente estudo terá como objetivos:

Replicar o estudo de associação de duas medidas de confiança interpessoal concebidas e propostas por Rotenberg, com o intuito de colaborar para a adaptação e validação da versão portuguesa de um dos instrumentos (Escala CGTB) específico para o alvo pares.

Confiança Interpessoal nos Pares e Crenças de Confiança Generalizadas (em população escolar, dos 10 aos 12 anos de idade)

Daniela Alves Nunes e Silva (dannusil@yahoo.com) 2012

Em causa está estudar a associação entre medidas de confiança interpessoal que envolvem diferentes facetas do modelo, bem como, alvos diferentes. Visa ainda analisar as implicações do sexo de emissor e de alvo nas avaliações de confiança

E também responder à questão, “Existem gamas de valores, de crenças generalizadas de confiança interpessoal mais funcionais do que as restantes, no estabelecimento de relações de confiança recíproca?”. Para conseguirmos estes objetivos serão propostas duas hipóteses, será estudado o caso de uma turma em particular, a título de demonstração da metodologia a seguir no estudo de mais larga escala, na resposta às questões de investigação e ao teste das hipóteses. Para esta recolha foram utilizados dois instrumentos, a Escala de Crenças de Confiança Generalizada para Crianças, versão adaptada para a população portuguesa – (24 itens) (Rotenberg et. al., 2005) e um procedimento sociométrico que utiliza o Dilema do Prisioneiro adaptado à população a que se destina (Rotenberg et. al., 2002).

A importância deste trabalho prende-se com a necessidade investigação que permita, num futuro a curto/médio prazo criar condições para uma intervenção, para que possa assumir quer carácter remediativo quer carácter preventivo.

I – Enquadramento conceptual (revisão da literatura)

1. Diversidade dos fenómenos abrangidos na Confiança Interpessoal

Ao consultar no Dicionário de Língua Portuguesa (Dicionário de Língua Portuguesa 5ª edição) o termo “Crença”, encontramos a menção ao grau de força com que uma asserção é tomada como verdadeira, por sua vez associados a “fê” e a “convicção”. Notamos ainda que o termo “confiança” tem aplicação nesse contexto. Numa tentativa de distinguir os dois sentidos da palavra “confiança” (em inglês são duas palavras diferentes “confidence” e “trust”), percebemos que se encontram ambos associados ao termo “crenças” (convicção, certeza ou ultrapassagem da incerteza, fê) e ainda a uma situação de risco, vulnerabilidade e/ou decisão de aceitar depender ou depor poder em outrem ou numa instituição relativamente a resultados ou consequências importantes para o próprio (confiança, fidúcia). No entanto, nas ciências sociais autores fundamentais, como por exemplo, Parsons e Luhman, têm considerado estas duas noções: a dependência recíproca entre agentes que comunicam entre si, e expectativa de que o curso normal das coisas irá acontecer (Javala, 2003; Earle & Siegrist, 2006).

A confiança é um conceito de difícil definição, uma vez que é complexo e multifacetado (Hoy & Tschannen-Moran, 1999; Tschannen-Moran & Hoy, 2000).

Tem sido estudado à luz de várias disciplinas, como por exemplo, a Filosofia, a Economia e a Psicologia, explorando ainda diversas perspetivas, individual, grupal ou organizacional.

De uma perspetiva filosófica, a confiança tem a ver com o comportamento eticamente e moralmente justificável (Baier, 1986; Hosmer, 1995), em termos economicistas podemos dizer que a confiança é um cálculo racional de custos e benefícios, baseado na valoração das consequências de violar ou preservar a relação de confiança com o outro (Coleman, 1990; Williamson, 1993. Cit. in. Tschannen-Moran & Hoy, 2000.p.551). Podemos ainda precisar que estas abstrações, designadamente a que aborda o conceito a partir da perspetiva da teoria dos jogos (cálculo racional) ou a que aborda a partir da problemática psicossociológica do comportamento oportunista, ou ainda na problemática da distinção de pontos de vista do próprio e do outro e dos respetivos interesses, permanecem ligadas à conceptualização e à abordagem empírica realizada em Psicologia, Sociologia e Ciências sociais geralmente.

Nas várias definições de confiança estão incluídas múltiplas noções que variam no seu foco. Algumas valorizam a cognição do agente individual em contraste com a interação e participação em grupos ou comunidades (níveis sociais), outras valorizam a Conduta e o papel ativo da pessoa ao envolver-se em situações de confiança interpessoal e nessa senda, surgem

outras perspetivas que valorizam o conceito multidimensional, ou seja, as várias facetas e bases da confiança interpessoal. (Tschannen-Moran & Hoy, 2000)

No que respeita a uma perspetiva individual a confiança é concebida como o grau em que as pessoas estão dispostas a confiar nos outros e se tornam vulneráveis a outros (Frost, Stimpson & Maugham, 1978; Rotter, 1967). Segundo Bradach e Eccles, 1989; Cummings e Bromily, 1996, de uma perspetiva organizacional, o foco é colocado num julgamento coletivo de que outro grupo não vai agir de forma oportunista, é honesto nas negociações e faz um esforço de boa-fé para se comportar de acordo com os compromissos. (Tschannen-Moran & Hoy, 2000). Neste plano podemos distinguir desde as relações com os outros específicos de elevada intimidade até aquelas que se estabelecem entre estranhos, ou numa tarefa experiencial, onde a relação prévia é inexistente. Podemos distinguir finalmente as situações em que o outro não é específico, mas alguém que representa uma categoria em geral.

Segundo Deutsch (1958), a confiança é a expectativa baseada num cálculo de probabilidades e valência do resultado de um comportamento para um sujeito (perspetiva economicista, próxima da teorização da decisão pelo modelo de expectativa – valor instanciado também na afiliação da Teoria dos Jogos).

Gambetta (1988) tem em conta a probabilidade subjetiva de que outro agente realize uma certa ação no ato em que avalia, ajuizando, da conduta e do estatuto de confiabilidade de outros atores, numa relação interpessoal pautada por um dado papel social: por exemplo, os juízos realizados pelos taxistas relativamente aos seus clientes prospetivos, no contexto de incerteza sobre a veracidade/intenção e boa-fé destes últimos.

Zand (1971) salienta o papel ativo do sujeito, ao colocar-se propositadamente, numa situação de vulnerabilidade e cedência de controlo da situação face ao outro. Butler e Cantrell (1984) expõem a multidimensionalidade do constructo mencionando algumas facetas, como por exemplo, a competência, a fidelidade e a abertura. Fukuyama (1995) remete para uma base/fundamento social e grupal/comunitário da confiança. Hosmer (1995) analisa na sua definição, a conduta e o juízo moral da confiança. Mayer, Davis e Schoorman, bem como Rousseau, Sitkin, Burt e Camerer (1998) retomam a definição de Zand (1971), já Mishra (1996) para além de retomar a definição dada por Zand em 1971, readquire também a de Butler e Cantrell (1984) (Tschannen- Moran & Hoy, 2000.p.552-555).

Para além disso, tem também sido modificado o seu foco, o que dificulta o surgimento de uma definição única, consensual e abrangente. Na década de 1950, o estudo da confiança (trust) centrou-se nas consequências da Guerra Fria e da corrida ao armamento (Deuch, 1958). Na década de 1960, o alvo dos estudos da confiança foram as diferenças interpessoais, numa tentativa de dar resposta a uma geração jovem e desiludida com as instituições e entidades sociais (Rotter, 1967). Nos anos 80, muda-se outra vez o cerne do interesse da confiança focando-se nas relações interpessoais (Johnson-George & Swap, 1982; Larzerele & Huston, 1980; Rempel,

Holmes & Zanna, 1985). Nos anos 90, devido às mudanças a nível tecnológico e a nível da sociedade houve um refocar no estudo da confiança em si (Gambetta, 1988; Kramer & Tyler, 1996; Shaw, 1997). Já depois, este constructo foi mais enfatizado no contexto da instituição escolar (cit. In Hoy & Tschannen-Moran, 1999. p. 185).

Hoy e Tschannen-Moran, (1999) identificaram cinco faces/facetas da confiança, juntamente com uma disposição geral para arriscar a vulnerabilidade. Sendo que essas facetas são: a *Vontade de Arriscar*, que é o grau de confiança que o indivíduo tem numa situação de vulnerabilidade. A *Benevolência*, que é o rosto mais comum da confiança, sendo que essa confiança é em que o bem-estar de um sujeito ou algo com que esse sujeito se preocupa será protegido pela pessoa ou grupo confiado. O sujeito pode contar a com boa vontade do outro para agir no seu (do 1º indivíduo) melhor interesse. A *Competência*, que faz apelo à avaliação das capacidades técnicas de outro indivíduo, quando um sujeito depende dessas mesmas capacidades para confirmar uma expectativa.

A quarta faceta da confiança, seria, de acordo com estes autores a *Honestidade*, faceta que apela ao carácter, integridade e autenticidade, e finalmente a quinta faceta, a *abertura*, que é a medida em que as informações relevantes não são retidas, é um processo pelo qual a pessoa se vulnerabiliza através da partilha de informações com outros. Esta abertura sinaliza uma espécie de confiança recíproca, uma confiança de que a informação não será explorada e que os recetores possam sentir essa mesma confiança em retorno.

Segundo estes autores, a confiança é então uma vontade de um indivíduo ou grupo de ser vulnerável a uma outra parte, com base na confiança de que esta última é benevolente, confiável, competente, honesta e aberta.

As faces da confiança acima descritas são encontradas em dezasseis definições diferentes ainda que possam não estar todas presentes em cada uma delas (Hoy & Tschannen-Moran, 1999).

Ao perguntarmos em que circunstâncias o ato de confiar tem uma fundação, uma justificação, estamos a diferenciar entre a confiança cega no outro e a confiança justificada ou plausível, a plausibilidade reflete a veracidade ou funcionalidade do conhecimento constituído pelo emissor da confiança. A expectativa é bem fundada? Há um conhecimento adequado do Alvo, incluindo as suas disposições (benevolência, moralidade, capacidades e competências)? Mas também pode tratar-se do conhecimento do contexto ou relações sociais do Alvo (por exemplo, as consequências que para o alvo advirão de optar por cuidar ou não dos interesses do próprio, dadas as relações sociais de ambos, por exemplo na teoria de encapsulação de interesses – (até que ponto os interesses desses outros se encontram encapsulados nos do próprio) (Mcleod, 2011).

No entanto, o bem fundado da confiança pode remeter para um quadro normativo ou social, estabelecido no seio de uma relação (por exemplo, um contrato, promessas) entre os agentes envolvidos – perspectiva do contrato social. Neste caso, emerge não só a expectativa do emissor (agente,

emissor/trustor) sobre o qual o outro (alvo/ trustee) fará ao aceitar dele depender e ficar vulnerável, mas ainda a parcela de controlo que o agente pode ter nesse resultado, a base normativa que existe para o alvo ser confiável (como sendo o que deve fazer, para além do que é credível que faça) e o conhecimento das sanções correspondentes a honrá-la ou não a honrar (no quadro de valores ou regras partilhadas).

Além disso, como R. Hardin salienta, é raro alguém confiar completamente numa outra pessoa ou grupo; em vez disso a confiança é vista como um fenómeno que envolve três partes: o sujeito ou emissor, o alvo, e um ato específico, por outras palavras, falar de confiança implica particularizar que alguém confia ou não em que outra pessoa (grupo) faça ou aja numa direção especificada (McLeod, 2011).

1.1 Conceitos de Crenças Generalizadas e Juízos de Confiabilidade: o papel das Relações de Confiança e os Processos Cognitivo-afetivos

O facto de que certas pessoas têm uma atitude que as torna mais propensas a estender a confiança mais facilmente- uma *disposição para confiar* (McKnight, Cummings & Chervany, 1998. Cit. in. Tschannen-Moran & Hoy, 2000. p. 559) foi um ponto de partida importante. De acordo com Rotter (1967), as expectativas pessoais advêm da história de cada um, de experiências nas quais os outros tinham ou não mantido as promessas (feitas para com o indivíduo), generalizando-se posteriormente de um ator social para outro (por exemplo, dos pais de um indivíduo para os seus professores, médicos ou mídia).

A história pessoal de cada indivíduo influencia a sua capacidade de confiar e de poder ser confiado, assim, se por exemplo uma criança fosse dececionada muitas vezes pelo não cumprimento de promessas que lhe iam sendo feitas, então passaria a ser mais desconfiada relativamente às intenções e motivações dos outros e como consequência disso seria também ela menos confiável. Se pelo contrário uma criança fosse exposta a um ambiente em que as promessas que lhe eram feitas (boas ou más) fossem cumpridas, então esse indivíduo cresceria com um nível de confiança nos outros mais elevado e tenderia por isso a ser também mais confiável. (Tschannen-Moran & Hoy, 2000).

As crenças generalizadas seriam portanto aquelas que surgiriam de uma experiência com um alvo específico e que depois se alargariam a alvos gerais ou instituições.

Um dos grandes problemas com que os investigadores são confrontados nesta área é o de como conceptualizar e avaliar a confiança interpessoal. (Rotenberg, 2010, p.8). Rotter (1971) foi na Psicologia o autor que impulsionou a investigação sobre a confiança interpessoal (Tanis & Postmes, 2005), este autor definiu-a como uma expectativa generalizada de que a promessa de um indivíduo ou de um grupo pode ser invocada. De acordo com este autor, a confiança não está relacionada com qualquer

experiência específica, mas deriva da generalização das experiências que o sujeito percebe como similares. (Holmes, 1991 cit. in Couch, & Jones, 1997, p.320)

Mais recentemente esta área voltou a ser alvo de interesse e investigação por parte de diversos estudiosos. Para além do destaque dado à noção de diferença interpessoal estável, a confiança (Trust), foi também encarada à luz de processos cognitivos, subjacentes às percepções e aos juízos sobre os outros, quanto à credibilidade das suas palavras e à bondade das suas intenções. A confiança é considerada um constructo dinâmico influenciado por fatores contextuais específicos de cada relação interpessoal (Hosmer, 1995; Lewicki & Bunker, 1995; Melliger, 1956, cit. in Tanis & Postmes, 2005. p.413).

Há no entanto a considerar ainda a dinâmica entre aspetos afetivos, cognitivos (por exemplo, as experiências de aprendizagem) e juízos de confiabilidade. A confiança interpessoal foi originalmente estabelecida por Rotter como uma expectativa de um resultado valorado, de decidir e agir numa direção confiante, por comparação com a expectativa alternativa de decidir e agir em direção não confiante. Diversos autores contribuíram para uma melhor compreensão dos juízos, e dos fatores suscetíveis de os influenciarem. Cook e Wall (1980) assim como Lewicki e Wiethoff (2000) referem que a confiança que depositamos nos outros é influenciada pelas características daqueles em que confiamos. Essas características são aprendidas através das vivências passadas, onde se percebe a reputação e intenções da pessoa na qual confiamos (Dunn & Schweitzer, 2005). Outros autores (Forgas & George, 2001; Isen & Baron (1991) identificaram uma relação entre os estados afetivos e os juízos de valor, que afetava a confiança, sendo que esta ligação dependia, por exemplo, da natureza da informação processada (Dunn & Schweitzer, 2005). Estes últimos autores, no mesmo trabalho, concluíram que as emoções involuntárias também influenciam a confiança, as emoções positivas aumentam a confiança, sendo que as emoções negativas a diminuem. Concluíram também que as emoções têm um papel relevante nos juízos de confiança, uma vez que as pessoas não têm consciência da influência do seu estado emocional nas suas opiniões.

1.2. Aspetos desenvolvimentais da Confiança Interpessoal

Rotenberg (2001) identifica sete etapas de desenvolvimento da confiança, onde esta assume diferentes modalidades e significados.

Dos 0-2, onde a confiança surge logo após o nascimento através da relação afetiva que a criança estabelece com os progenitores/cuidadores, o que remete para a percepção de regularidade e consistência, do mundo e do corpo, através da experiência reiterada e consistente dos cuidadores em satisfazer as necessidades e gerar estados de bem-estar. Assim segundo Rotenberg, podemos dizer que as crianças baseiam a sua confiança na honestidade comportamental, tentando determinar se as pessoas têm

intenções benignas ou não. Os cuidadores e a família imediata são os alvos de confiança das crianças (Rotenberg, 2001).

Dos 2-6 anos (primeira infância) as crianças atingem um marco desenvolvimental ao constituírem uma “teoria da mente”, tornando-se aptas a perceber que as pessoas podem ter intenções e desenvolver ações para iludir os outros, adquirindo a capacidade para compreender a ligação entre promessas e comportamentos (Rotenberg, 2001).

Na segunda infância (7-12 anos) os pais continuam a ser uma fonte de influência das cognições sociais e dos comportamentos das crianças. Em virtude da entrada na escola e convivência com um número superior de pessoas, as crianças adquirem maior noção das expectativas sociais e morais, sendo que a honestidade, a fidelidade e a confiança emocional são afetadas por estes fatores. Especialmente a confiança emocional, devido à maior intimidade entre amigos e à participação em grupos de pares (Rotenberg, 2001).

Dos 13 aos 19 anos, o desenvolvimento nos planos sexual, moral e cognitivo, a capacidade de formar redes amplas com outros indivíduos e a maior consciência e participação nos acontecimentos e na vida pública dão origem a novas mudanças na confiança.

Dos 20 aos 55 anos, os indivíduos estabelecem vínculos de casamento ou laços românticos e estão inseridos num local de trabalho. A confiança nos parceiros românticos encontra-se associada ao amor e à crença de que o parceiro se preocupa com o bem-estar do outro. A confiança no trabalho está associada à confiança nos superiores e restantes trabalhadores, sendo que, por isso, todas as bases, domínios, alvos e dimensões são exequíveis ao longo da adultez (Rotenberg, 2001).

Entre os 55 e os 75 anos surgem preocupações relativas à qualidade de vida e à segurança física. O mesmo autor defende que a confiança dos adultos mais velhos está ligada essencialmente às redes sociais que irão proporcionar cuidados e ajudarão a manter uma qualidade de vida satisfatória.

Finalmente, segundo Rotenberg (2001) o último patamar será ocupado pelas pessoas com mais de 75 anos, que frequentemente se deparam com problemas, por exemplo, relativos à distribuição da herança, e reavaliam a sua confiança relativamente aos seus familiares e talvez relativamente à sociedade, ou mesmo à humanidade para constituir um mundo melhor, que será confirmado após a sua morte.

Segundo Tanis e Postmes, (2005) a confiança interpessoal seria uma significação particular do constructo de confiança no domínio relacional, seria então, a confiabilidade percebida pelo sujeito, que se estabeleceria no domínio percetivo influenciando o modo de examinar as palavras e os atos do outro. É ainda feita uma chamada de atenção para a necessidade de considerar o outro como uma variável importante: *a conduta de confiança ou a conduta confiante*, definida por Messick e Kramer (2000) como *envolvendo a cedência do poder sobre os resultados valiosos para o self* (Messick, & Kramer, 2000. Cit. in. Tanis & Postmes, 2005. p.414).

Holmes e Rempel defendem que a confiança inclui três componentes,

a *Previsibilidade*, ou crença de que o comportamento do parceiro é consistente; a *Confiabilidade*, ou a crença de que o parceiro pode ser tido como honesto, confiável e benevolente e a *Fé*, ou convicção de que o parceiro está intrinsecamente motivado para ser sensível e carinhoso – crença de que os motivos do parceiro podem ir para além das bases instrumentais da benevolência. (Wieselquist, Rusbult, Foster, & Agnew, 1999).

Um estudo feito com crianças, mostra-nos que a confiança interpessoal, enquanto crença generalizada, pode depender de três variáveis: o comportamento do alvo, a qualidade da relação com o alvo e as crenças que cada sujeito tem em relação aos outros. Em geral, centrou-se nas relações diádicas, com focus nas variáveis já referidas, indagando sobre o referencial deste constructo. Desta investigação concluiu-se ainda que a confiança interpessoal pode ser um constructo diádico e apesar da qualidade da relação com o alvo ser considerada a variável que mais se relaciona com a confiança interpessoal, as outras acima mencionadas também são consideradas importantes (Betts & Rotenberg, 2008).

2- O Modelo BDT de Rotenberg (2010)

A confiança é essencial para o funcionamento psicossocial dos indivíduos, contudo, um dos grandes problemas que se apresentam no estabelecimento e estudo deste constructo é a conceptualização da confiança interpessoal, uma vez que esta, nem sempre coincide com o entendimento que a sociedade em geral tem desta temática. Os investigadores podem tentar contornar esta questão conhecendo as perceções individuais, que cada sujeito envolvido nas suas investigações tem deste constructo, ou reportando-se apenas ao constructo em si mesmo. Contudo este método apresenta muitas limitações, já que o significado do que está a ser medido é pouco claro, uma vez que diferentes indivíduos, podem ter, de alguma maneira noções diferentes acerca de o que é a confiança dificultando ou impossibilitando a comparação de dados. (Rotenberg, 2010)

Rotenberg propôs, por isso uma resolução para este problema, através da conceptualização da confiança de maneira a ser compatível com o conceito detido pela sociedade – assim mantendo o seu significado social, mas permitindo que possa ser operacionalizado e medido por um conjunto de perceções e comportamentos. Diz ainda, que tal conceptualização deve ser compatível a um nível ótimo com outras linhas de investigação neste campo.

Assim, este autor em colaboração com os seus colegas (por exemplo: Rotenberg, 1994, 2001; Rotenberg, Boulton & Fox, 2005; Rotenberg, Fox, Green, Ruderman, Slater, Stevens & Carlo, 2005; Rotenberg, McDonald & King, 2004, Rotenberg, McDougall, Boulton, Vaillancourt, Fox & Hymel, 2004), apresenta uma resolução para esta problemática, através da conceptualização de um modelo denominado BDT (Bases, Domínios, Alvos).

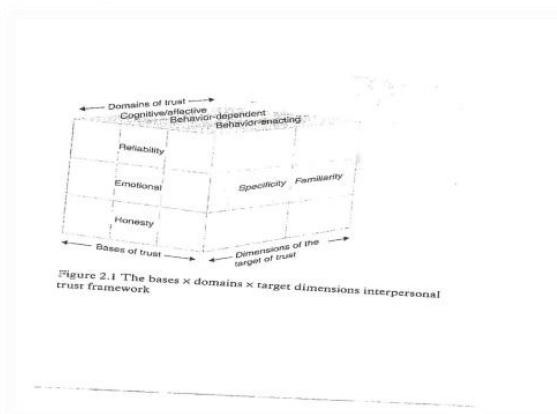
Sob a égide deste modelo defende-se que a confiança interpessoal se constrói tendo em conta, não uma, mas três dimensões, podendo ser

Confiança Interpessoal nos Pares e Crenças de Confiança Generalizadas (em população escolar, dos 10 aos 12 anos de idade)

Daniela Alves Nunes e Silva (dannusil@yahoo.com) 2012

sistematizado com recurso à imagem de um cubo como o que se pode visualizar abaixo.

Fig1: Modelo Bases-Domínios-Alvos (BDT) de Rotenberg (2010)



Nas bases encontram-se três tipos de avaliações e de juízos, Fidedignidade (*Reliability*), que se refere à avaliação da capacidade que o indivíduo tem de manter/cumprir promessas, Confiança Emocional (*Emotional*), que se refere à avaliação da competência de conhecer informações da esfera pessoal/emocional de outra pessoa e não a utilizar para a prejudicar, ser capaz de manter a confidencialidade e não fazer juízos críticos sobre essa mesma informação; Honestidade (*Honesty*) que diz respeito à avaliação da capacidade de dizer a verdade, sempre guiado por um propósito positivo, ao invés de um motivo lesivo ou manipulativo. (Rotenberg, 2010)

Para além das bases, para que haja uma construção sólida da confiança, é necessário que sejam tidos em conta 3 domínios, o domínio Cognitivo/Afetivo (*Cognitive/Affective*) em que se compreendem as crenças individuais de que os outros demonstram/possuem as qualidades inerentes às três bases da confiança e os sentimentos associados. O domínio designado pelo autor como “*Behavior-Dependence*”, o qual podemos traduzir por Dependente do Comportamento, e que será um comportamento de (aceitação da) dependência relativamente ao alvo.

Interpretamos este termo como designando o comportamento que se estabelece em resposta à percepção e crença de que o alvo é confiável e manifesta conduta confiável. Neste está contida a capacidade de os indivíduos fazerem depender os seus comportamentos de terceiros (ex. Dilema do Prisioneiro), confiando na sua percepção de que os outros apresentam as 3 bases da confiança; e o domínio Comportamento-Enação (*Behavior-Enacting*) conduta que constrói os fundamentos para que os outros percecionem que determinado indivíduo pode ser confiável, que compreende a capacidade de um indivíduo *cumprir comportamentalmente* as 3 bases da confiança, inclui componentes da *especificidade do alvo* (variando de um categoria geral até uma pessoa específica) e da *familiaridade do alvo* de confiança, variando do vagamente familiar, até

altamente familiar. (Rotenberg, 2010).

Para melhor se perceberem estes conceitos podemos aplicar um exemplo: “*Considere-se uma criança que possui níveis de crenças de confiança elevados versus níveis crenças de confiança baixos de que os seus pais são confiáveis, emocionalmente de confiança e honestos. A criança está a passear por uma rua perto de casa com o seu pai/mãe, quando de repente surge um cão grande que se aproxima da criança e começa a ladrar. O pai/a mãe diz à criança para tentar ficar calma, não fazer festas ao cão, nem tentar fugir (um conselho razoável); a criança concorda em fazer isso. Porque esta criança possui elevados níveis de confiança no seu pai/mãe, a criança irá provavelmente demonstrar um comportamento de confiança-dependente ao confiar na palavra do(a) cuidadora(a) para se manter calma, e envolver-se num comportamento de confiança-enação ao não fazer festas ao cão e não fugindo, tal como tinha prometido. Neste exemplo, a criança exibiu uma sequência de reações de comportamento cognitivo-afetivo em resposta a uma situação arriscada e ameaçadora, previsto, em parte, pelo nível de crenças de confiança no(a) pai/mãe. Uma muito diferente sequência de acontecimentos teria sido demonstrada por uma criança com baixos níveis de crenças de confiança no(a) seu/sua pai/mãe. Poderia não ser possível distinguir estas crianças enquanto estavam a passear, contudo as diferenças surgiriam quando o cão grande se aproximasse. Ainda que o(a) pai/mãe tivesse dado o mesmo conselho, esta criança, não ficaria confortada por esta comunicação, mostraria sinais de ansiedade, o poderia tentar fazer festas ao cão, ou mais provavelmente, fugir – apesar de num primeiro momento a criança concordar com o comportamento recomendado. Deve ser enfatizado que em ambos os casos (i.e., altos ou baixos níveis de crenças de confiança), as crenças de confiança da criança e o seu comportamento têm a mesma finalidade de ter desfechos positivos e evitar ser magoada pelo cão.*” (Rotenberg, 2010, p.12)

No exemplo supracitado é possível ver como surgem padrões diádicos e reciprocidade nas interações pai/mãe – criança. A orientação do comportamento cognitivo-afetivo de cada interveniente é diádico, o que o leva a convergir no curso das interações sociais. De acordo com este Quadro teórico, isto compreende o desenvolvimento de *histórias sociais*. (Rotenberg, 2010, p.13)

O quadro teórico do BDT difere da Teoria da Vinculação porque: (1) destaca o estabelecimento de níveis únicos de confiança para vários alvos-variando na familiaridade e na generalidade; (2) trata a confiança como um fenómeno multifacetado compreendendo diferentes bases; (3) enfatiza que a confiança em dados alvos surge de histórias sociais compreendendo interações recíprocas entre crenças, Comportamento-Dependência e Comportamento-Enação; (4) frisa que a confiança é um fenómeno separável de outras variáveis relacionais (como por exemplo, o amor ou afeto, a satisfação ou a procura de proximidade), os seus antecedentes correlacionam-se e as consequências podem ser unicamente examinadas. (Rotenberg, 2010). Assim, “*O quadro teórico do BDT representa uma abordagem unificada à confiança durante a infância e a adolescência (bem*

como na adulez) que compreende a matriz de comportamentos de confiança, e de confiança, de encontro às pessoas, grupos e grupos abstratos no mundo social do indivíduo.” (Rotenberg, 2010, p.14)

De acordo com este modelo, as diferentes bases, os diferentes tipos de alvos (generalizados, específicos, familiares ou não familiares) contribuem para a confiança interpessoal global de uma criança, mas podem apresentar contribuições diferentes.

3. Medidas utilizadas na avaliação da confiança interpessoal em crianças: alguns resultados prévios

As facetas da confiança mais estudadas em crianças são a Confiabilidade e a confiança emocional (Rotenberg et. al, 2005). A confiabilidade refere-se à medida que os indivíduos cumprem a sua palavra, são previsíveis de se envolver em comportamentos que são consistentes com as situações. (Hoy & Tschannen-Moran, 1999; Imber, 1973; Powel & Heriot, 2000; Rotenberg, 1994). Por sua vez a confiança emocional pertence ao grau em que um indivíduo se abstém de causar dano emocional a outras pessoas através da manutenção de sigilo evitando atos que provoquem constrangimento (James, 2002; Rotenberg, 1994 cit. in Betts & Rotenberg, 2008. p.1040)

O estudo dos mecanismos da confiança e das suas manifestações nas crianças reveste-se de particular importância uma vez que desde muito cedo estas dependem dos testemunhos dos outros para desenvolverem o seu conhecimento acerca da sociedade em que se inserem. (Betts & Rotenberg, 2008)

Ao longo dos anos vários foram os autores e os procedimentos utilizados para avaliar a confiança nas crianças. Bernath e Feshbach (1995) identificam alguns, que vão desde estratégias comportamentais, como por exemplo, o “O Adiamento da Gratificação” de Mischel (1971), a “Situação Estranha” de Ainsworth, Blehar, Waters e Wall (1978), “Confiança em Queda” de Clark e Gronbeck (1987), passando por escalas de confiança Interpessoal, como a de Hochreich (1973) “Escala de Confiança Interpessoal para Crianças”, a “Escala de Imber de Confiança para Crianças” de Imber (1973); o “Inventário de autoconfiança” de Earl (1987); as “Tarefas de Avaliação Projetivas do Desenvolvimento Emocional”, de Cohen e Weil (1971); as “Narrativas de Confiança” de Bernath, Feshbach e Gralinski (1993a, 1993b), “Nomeação de Pares” de Wentzel (1991), até à avaliação de pensamentos e compreensão, por intermédio de métodos como as “expectativas da Amizade” de Bigelow (1977), a “Entrevista Clínica” tal como estabelecida por Buzzelli (1988); Rotenberg (1980, 1984,1991b); Rotenberg e Pilipenko (1983-1984).

No que se refere ao cruzamento de métodos e medidas diferentes, uma escala / inventário de crenças generalizadas, uma tarefa inspirada no Dilema do prisioneiro, e à nomeação dos pares foram aplicados em conjugação às

crianças no estudo de Rotenberg et. al. (2002) com 63 crianças dos dois sexos, e idades situadas entre 9 e 11 anos, do Reino Unido. Neste estudo, os autores analisam a relação entre diversas medidas de confiança interpessoal entre si, e com uma medida de solidão nas crianças.

Também distinguiram a avaliação de confiança nos pares que são amigos, da dos pares que são colegas mas não amigos, e entre os pares do mesmo sexo e de sexo diferente. Neste estudo, a escala aplicada foi a de Imber, que avaliava “a sinceridade das palavras ou condutas de uma pessoa ou grupo de pessoas” incluindo itens relativos “manter promessas, segredos e dizer a verdade por parte de pares em geral e de pares familiares” (Rotenberg et.al., 2002, p. 237), A confiança em pares familiares socorreu-se de uma medida que consistia no relato da frequência com que cada um dos colegas de turma mantinha promessas e segredos, uma medida por sua vez considerada associada ao grau de confiança nos pares. Neste score, os autores têm encontrado uma diferença entre pares que são amigos dos que não são amigos. A medida operacionalizou-se em dois ratings diferentes numa escala de resposta em 5 pontos, de 1 (nunca) até 5 (sempre) de: a frequência com que cada colega de turma manteve segredos que lhe foram confiados, e cumpriu promessas feitas (p. 237). Já a medida de confiança em pares com uma relação mais próxima extraiu-se da anterior, através do pedido às crianças que identificassem da lista de colegas, aqueles “com quem andes muito” (p. 238). Finalmente, a conduta de confiança recíproca foi avaliada através de uma tarefa baseada no Dilema do prisioneiro, que pressupõe a explanação de uma situação de jogo com os payoffs típicos deste Dilema, em que cada criança projeta jogar com cada colega: em face desta situação-estímulo, em que cada criança espera vir a ter uma recompensa que depende do resultado conjunto de cada diáde, as crianças foram indagadas sobre:

- qual iria ser a escolha que o seu colega iria prometer fazer,
- e qual iria mesmo fazer,

e ainda:

qual seria a sua própria escolha com esse colega, se ele decidisse cooperar score que os autores consideraram para esta tarefa implicava a conjugação da perceção de cooperação por parte do par e da decisão de cooperar com ele, e por isso foi por eles considerada um score de confiança recíproca.

Esta tarefa será aplicada, mas após uma adaptação, no presente estudo (confrontar abaixo a secção de método). No presente estudo, a situação foi adaptada para comportar à partida uma promessa da parte do par de cooperar. Deste modo, a perceção é de raiz uma perceção de fidelidade (disposição a cumprir a promessa). O score é idêntico aos de Rotenberg et. al. (2002), mas será designado como Perceção-e-Decisão Cooperativas. Cada juízo em relação a cada par foi ainda replicado, por forma a oferecer uma medida de estabilidade A reciprocidade será analisada através de um score complementar mais exigente: que não só cada criança percecionasse fidelidade e decida honrar a confiança, mas que seja percecionado pelo par como confiável e mereça o honrar dessa confiança pelo par.

No que se refere aos ratings ou juízos de confiança nos pares, os autores

consideraram, diferenças de sexo nas crenças e nas avaliações de confiança nos pares, bem como efeitos de o juiz e o alvo serem do mesmo sexo, ou de sexos diferentes (colegas do mesmo sexo versus de sexo diferente) foram analisadas unicamente com os ratings de cumprimentos de segredos e de promessas nos colegas de turma, e nos pares mais próximos, mas sugerem variação significativa de percepção e juízo de confiança, superior nas díades do mesmo sexo.

Os autores relatam uma correlação positiva entre as medidas de crenças nos pares: crenças generalizadas e ratings nos pares próximos. Não encontram correlação da medida de crenças generalizadas nos pares com os ratings de confiança nos pares colegas de turma (que não sejam pares próximos), sejam eles de díades do mesmo sexo ou de sexos diferentes. Nem tão pouca relação entre a confiança generalizada nos pares e o score na tarefa do DP. Não obstante, este último score é o único que se evidencia significativamente correlacionado com ratings pelos professores numa escala de resposta de 5 pontos, do grau em que crianças seus alunos partilham informação pessoal com os seus colegas, dependem ou esperam que os colegas cumpram as promessas, e confiam nos seus colegas.

No entanto, é ainda de notar que as várias medidas de confiança recolhidas neste estudo, à exceção da dos ratings nos pares de sexo oposto, apresentam uma correlação negativa com a solidão das crianças, avaliada através da Escala de Solidão e Insatisfação Social de Asher et al. (1984) (Rotenberg, op. cit, p. 245). No entanto, uma alteração da medida do DP realizada pelos autores, passando a ser pontuada como medida unilateral, modificou o resultado: a nova medida (confiar unilateralmente no DP) (p. 245) evidenciava correlação positiva significativa com as avaliações do cumprimento de promessas e de segredos nos pares do mesmo sexo e nos pares próximos.

No entanto, os autores não colocam no centro do seu estudo hipóteses concretas sobre a relação entre as crenças generalizadas e as relações de confiança recíproca nos pares, alcançada ao longo da socialização na esfera da vida escolar.

II - Objetivos

O objetivo geral deste projeto/tese é de analisar junto de uma amostra de crianças dos 10 aos 12 anos, as características e a associação de duas medidas de confiança interpessoal, a Escala de Crenças Generalizadas de Confiança Interpessoal para Crianças (Rotenberg et al., 2005) (CGTBS) e a tarefa inspirada no Dilema do Prisioneiro (Rotenberg et. al., 2002) com o intuito de contribuir para a validação da escala CGTBS para o alvo pares. Pretende-se deste modo estudar a associação de medidas que envolvem diferentes facetas do modelo, bem como diferentes alvos, e estudar o aspeto das crenças, com o dos comportamentos, e até das relações de confiança estabelecidas. Visa ainda analisar as implicações do sexo de emissor e de

Confiança Interpessoal nos Pares e Crenças de Confiança Generalizadas (em população escolar, dos 10 aos 12 anos de idade)

Daniela Alves Nunes e Silva (dannusil@yahoo.com) 2012

alvo nas avaliações de confiança.

A hipótese HA1 afirma existir uma associação positiva entre as medidas de confiança nos pares específicos na Tarefa adaptada do Dilema do Prisioneiro e dos Scores de Amigo e de Fidelidade da Escala de Crenças Generalizadas de Confiança Interpessoal.

Essa relação positiva é esperada com os Scores de Amigo e de Fidelidade, por serem a base e o alvo envolvidos na tarefa, tal como concebida por Rotenberg (2002). Há a notar no entanto que a tarefa do Dilema do prisioneiro será aplicada no contexto da classe, entre pares que podem não ser necessariamente amigos.

HA2_ Em alternativa, coloca-se a hipótese de apenas uma medida de carácter unilateral _ perceber que o colega irá cumprir a sua palavra de cooperar; ou, na linha de Rotenberg et. al. (2002), a decisão de com ele cooperar_ apresentar relação positiva com as crenças generalizadas no Alvo Pares e na base Fidelidade.

No estudo das duas medidas incluem-se como passo prévio a análise da consistência interna (CGTBS) e da correlação entre juízos nos 2 cartões do mesmo par no caso da tarefa do Dilema do Prisioneiro, como indicadores da qualidade psicométrica de cada uma das medidas.

A investigação aqui apresentada é uma peça de um trabalho que tem vindo a ser desenvolvido de alguns anos a esta parte e que não se esgota aqui, cuja questão de fundo é a seguinte: “olhando para as crenças generalizadas, haverá um nível ótimo dessas crenças para o estabelecimento de relações recíprocas?” A questão de investigação tem a seguinte formulação: Existem gamas de valores para as crenças de confiança interpessoal generalizadas que sejam mais funcionais que as restantes, no estabelecimento de relações de confiança recíproca _ confiança interpessoal sediada nas relações interpessoais com os pares, designadamente, os colegas de turma? Para estudar a esta questão foram levantadas duas hipóteses.

HB1 – as crianças com mais relações de confiança (trust) mútua diferem das que confiam muito menos do que são confiadas, ou o inverso, confiam mais do que são confiadas, nos seus níveis de crenças generalizadas. Espera-se que esta diferença ocorra nos scores de fidelidade, de amigo e/ou global.

HB2 – Esperamos que o grupo que exhibe a maior reciprocidade na confiabilidade percebida, manifeste, comparativamente com os outros grupos, um nível de crenças generalizadas mais moderado (de entre os grupos acima mencionados aquele que tem mais reciprocidade vai ter menos dispersão nos valores das crenças generalizadas).

Devido às limitações decorrentes do baixo número de respondentes o estudo empírico assume um carácter exploratório e descritivo, identificando e discutindo padrões e tendências nos dados e contrastando-os com as hipóteses. No entanto identificam-se também métodos apropriados ao teste das hipóteses em futuros estudos de mais larga escala. Vai ser mostrada a forma como se pode operacionalizar o estudo, fazendo descrição e inferência relativos aos dados recolhidos numa turma mais numerosa e uma simples descrição numa segunda turma muito reduzida.

Dentro do objetivo geral de estudar a relação entre as duas medidas de confiança interpessoal em crianças, consideramos pertinente explorar outras possibilidades de associação entre elas, atendendo à especificidade de ambas para além da expectável relação (linear positiva) em bases e alvos relacionados. Por outro lado, projetam-se possíveis diferenças relativas de ênfase ou de centralidade para a criança das relações com diferentes alvos, designadamente com as figuras materna e paterna, ou seus representantes (adultos), uma vez que, no seu desenvolvimento, a relação com os pares específicos se encontra enfatizada. No seio da configuração de relações afetivas, a dependência da figura materna, e a proximidade afetiva a esta figura poderá diminuir relativamente, o que plausivelmente, se reflectirá no teor das crenças generalizadas em torno desta(s) figura(s).

Por outro lado, para além da relação linear entre as medidas de crenças generalizadas e as estabelecidas em pares específicos, outras possibilidades de relação poderão existir, onde se inclui a relação não linear. Há a possibilidade de as relações específicas de confiança, nos seis diferentes graus, terem peso formativo diferente nas convicções ou expectativas generalizadas, de modo que é possível, por exemplo, uma grande variabilidade das crenças quando as relações cooperativas estejam menos desenvolvidas, e menor variabilidade noutros níveis, quando o seu desenvolvimento exerça pressão sobre a natureza das cognições sociais, e sobre os processos cognitivos de juízo de confiança.

Consequentemente, assume-se uma vertente exploratória do estudo, e particularmente em torno do objetivo geral de equacionar hipóteses mais precisas, a serem investigadas e levadas a teste em futuros estudos.

A este componente exploratório acrescenta-se a exploração e comparação do score proposto pelo autor das duas medidas, utilizado na tarefa do Dilema do Prisioneiro (conjunção da perceção e decisão cooperativas com cada par) com outro tipo de indicadores, alternativos, menos “exigentes”, restritos à perceção de confiabilidade dos pares (por exemplo, score de perceção consistente que o par irá cumprir a sua promessa cooperando na tarefa do Dilema do Prisioneiro).

III - Metodologia

1.1-Participantes no Estudo

Neste estudo participaram 21 respondentes (13 respondentes do sexo masculino e 8 respondentes do sexo feminino) pertencentes a duas turmas do 5º ano de uma escola de Coimbra. As idades encontram-se compreendidas entre os 10 e os 12 anos.

A primeira era uma turma enquadrada no ensino regular, contudo contava apenas com 20 alunos, dos quais apenas 16 se mostraram disponíveis para participar. A 2ª turma tinha a característica de ser de Percurso Curricular Alternativo, pelo que além de um programa escolar adaptado às características dos alunos tinha também a particularidade de ser

constituída (à data da recolha) apenas por 7 estudantes, dos quais apenas 5 participaram no estudo. Por este motivo as abordagens de carácter inferencial estão reduzidas à primeira turma. Os participantes estão sempre enquadrados no grupo-turma e no caso do Dilema do Prisioneiro, os seus dados são sempre obtidos e calculados dentro desse grupo. O grupo-turma constitui a unidade para a recolha dos dados no que respeita à tarefa do prisioneiro.

1.2- Instrumentos

• Escala de Crenças de Confiança Generalizada para Crianças

A escala utilizada nesta investigação é a CGTBS – Portuguesa, versão de janeiro de 2012 (Brêda & Vale-Dias, 2012). À semelhança do que acontece na CGTB é composta por 24 itens, 2 por cada subescala × alvo e encontra-se dividida em 3 subescalas e 4 grupos-alvo. As respostas são solicitadas numa escala de Likert de 5 pontos, em que 1 significa o menor grau de confiança e 5 o maior.

Cada item descreve uma situação interpessoal, onde o alvo é o protagonista, e a criança é solicitada a responder em função das suas expectativas acerca do comportamento do alvo, isto é, da probabilidade do alvo ter uma conduta fiável, seja ela de base de fidelidade, de honestidade ou de confiança emocional. Para que tal aconteça, é necessário (e expectável) que a criança faça a leitura da situação descrita, abstraindo os traços ou disposições do alvo tal como é descrito, refletindo as suas crenças e expectativas nesse tipo de situação e relativamente ao alvo genérico.

Esta escala avalia a perceção através do juízo na confiabilidade do alvo, através da enunciação da possibilidade de este exibir uma conduta que na situação cenário apresentada, reflete uma base de confiança interpessoal.

Esta medida pode ser avaliada através das bases da confiança, tendo em conta os alvos.

Reflete a dimensão cognitiva/afetiva do modelo, dá-nos 3 tipos de scores, um score global em que reflete a tendência geral para acreditar independentemente do alvo (mantendo-se todos os alvos com níveis de generalidade muito altos), um score nos Alvos e um score nas Bases.

• Tarefa do Dilema do Prisioneiro (adaptada à população de destino)

Este instrumento utilizado no âmbito desta investigação é um procedimento sociométrico do tipo Dilema do Prisioneiro.

Os jogos de dilema do prisioneiro, são jogos de motivo misto.

Como explica Lindsfold, 1978 citado em Tschannen-Moran & Hoy, 2000., um jogo de motivo misto é aquele em que há possibilidade de um benefício de cooperação mútua, mas em que simultaneamente existe a tentação de competir, para explorar a cooperação da outra pessoa. Sendo que, se as duas pessoas optarem por realizar uma jogada não cooperativa, o

resultado é uma perda mútua.

Este tipo de jogos são comumente apelidados como Dilema do Prisioneiro, em virtude de um jogo com o mesmo nome originalmente publicado por Luce e Raiffa, (1957). “*O jogo do Dilema do Prisioneiro coloca o jogador precisamente na posição de um prisioneiro sob custódia, que foi acusado de um crime e separado do seu cúmplice.*”

O advogado de acusação tem a certeza de que os dois cúmplices são culpados do crime, mas não tem provas suficientes para uma condenação em tribunal. O prisioneiro enfrenta um dilema: confessar em troca de clemência para si, mas uma pena mais longa para o seu cúmplice, ou arriscar uma pena mais longa, por não confessar e ser traído pelo seu cúmplice.

Se nenhum dos dois confessar, vão ser julgados, com uma acusação menor e fabricada. Se confessarem os dois, vão ser condenados a uma pena inferior à pena máxima.” (Tschannen-Moran & Hoy, 2000.p.565)

Outras versões já foram utilizadas, como por exemplo, as de Deutch (1958, 1960) que envolvia retornos financeiros (Tschannen-Moran & Hoy, 2000), este tipo de situações podem/devem ser adaptadas ao tipo de população a que se destinam.

No caso desta investigação também se mostrou necessário proceder a tal adequação, dado que se destinava a ser utilizada com respondentes de idades compreendidas entre os 10 e os 12 anos, que se encontravam inseridos em grupos-turma.

Neste caso específico, era dito aos alunos que iam jogar com cada um dos seus colegas de turma e que tinham a possibilidade de ganhar rebuçados conforme o esquema seguidamente apresentado.

Colega

	Verde	Vermelho
Verde	Tu recibes 10 rebuçados e o teu colega recebe 10 rebuçados	Tu recibes 0 rebuçados e o teu colega recebe 15 rebuçados
Vermelho	Tu recibes 15 rebuçados e o teu colega recebe 0 rebuçados	Tu recibes 5 rebuçados e o teu colega recebe 5 rebuçados

Tu

Assim, se ambos os jogadores escolhessem jogar verde (situação de cooperação receberiam 10 rebuçados cada um. Se existisse uma situação de

traição por parte do colega (o jogador decide confiar e joga verde e o colega trai e joga vermelho) o colega receberia 15 rebuçados e o jogador não receberia nenhum. Se a situação de traição fosse a inversa (o colega jogava efetivamente verde e o jogador aproveita-se dessa cooperação e joga vermelho) o colega não recebe rebuçados e o jogador recebe 15. Numa última situação, se existisse traição mútua (ambos os jogadores jogarem vermelho) cada um recebe apenas 5 rebuçados.

É de referir que o jogo não aconteceu verdadeiramente, uma vez que não jogaram diretamente uns com os outros.

A cada aluno foi distribuído um conjunto de cartões em que estavam identificados os colegas com quem deveriam simular a situação de jogo e nesse cartão constava a afirmação de que o colega em questão teria prometido jogar na cor verde. Em seguida era-lhes perguntado se efetivamente acreditavam que aquele colega em específico ia cumprir a promessa, e qual era a cor que eles próprios jogariam.

O dilema do prisioneiro conjuga a dimensão cognitiva/afetiva, a expectativa do comportamento, com uma decisão comportamental expressa numa decisão. Sendo que para efeitos desta investigação, só se considera existir confiança quando estes dois fatores (perceção e decisão) se conjugam.

Com a tarefa sociométrica adaptada do dilema do prisioneiro, seguindo as indicações do autor (Rotenberg 2002.), o indicador de confiança de uma criança relativamente a cada um dos seus pares é a resposta simultânea de perceção de que esse par irá comportar-se de acordo com a promessa de cooperar no jogo e a decisão da parte da própria criança de cooperar com esse mesmo par (o que designaremos por perceção e decisão de cooperação). Quando estas duas respostas são positivas, é considerado que existe confiança da criança nesse par, enquanto nas restantes condições não é contada como uma relação de confiança (respostas em que perceciona que o par quebrará a sua promessa de cooperar, independentemente da decisão própria, e respostas em que decide não cooperar com o par, independentemente da expectativa de que o par manterá a promessa). Com base neste indicador relativo a cada binómio de 2 crianças, constitui-se um indicador individual para cada criança, pela soma do número de pares com que preenche a condição de confiança (nº de pares em que simultaneamente perceciona confiabilidade e decide confiar/cooperar). Será este o score utilizado nas análises da relação entre as duas medidas de crenças de confiança interpessoal. (Uma nota: em vez de recorrer ao número de casos de pares em que cada criança perceciona e decide no sentido da cooperação, poderia optar-se pela percentagem no caso de serem estudadas crianças de diversos grupos-turma. No presente caso, optou-se pela utilização do score nº de pares, e analisar separadamente a turma, uma vez que uma das turmas é tão pouco numerosa que constitui um caso excecional).

1.3- Procedimentos

Para se dar início a este estudo foi necessário aguardar pela aprovação da utilização da Escala CGTBS - Portuguesa enquanto inquérito ao nível das

Confiança Interpessoal nos Pares e Crenças de Confiança Generalizadas (em população escolar, dos 10 aos 12 anos de idade)

Daniela Alves Nunes e Silva (dannusil@yahoo.com) 2012

escolas da Região Centro. Esta aprovação foi feita pela Direção Geral para a Inovação e Desenvolvimento Curricular (DGIDC).

Em seguida procedeu-se ao pedido de autorização para a realização do estudo junto do conselho executivo da escola, ao pedido de colaboração aos alunos, e devido à faixa etária dos mesmos, ao pedido de consentimento informado por parte dos pais/encarregados de educação.

Foi ainda necessário proceder à preparação do material referente à recolha de dados sobre a confiança interpessoal entre pares específicos (procedimento sociométrico do tipo Dilema do Prisioneiro adaptado a este estudo, com pares específicos), uma vez que foi necessário personalizar os cartões já previamente idealizados, adicionando-lhes os nomes dos alvos específicos para cada um dos respondentes (neste caso os elementos da turma). Esta recolha foi coletiva decorrendo apenas em dois tempos letivos (90 minutos), e teve dois momentos, que embora distintos se realizaram dentro do mesmo espaço temporal, devido a condicionamentos existentes.

A recolha de dados teve algumas condicionantes que influenciaram definitivamente o estudo e o rumo que este seguiu. Primeiramente a autorização para a utilização da escala ocorreu tardiamente (apenas quando já tinha iniciado o terceiro período do ano letivo), posteriormente, após a autorização do conselho executivo foi necessário entrar em contacto com os professores, no sentido de lhes pedir que cedessem algum do seu tempo de aula para que os alunos pudessem colaborar na investigação (o que não sucedeu em todos os casos). Este processo condicionou a população a que se destinava o estudo, uma vez que, se tinha idealizado estender esta recolha aos alunos do 4º, 5º e 6º ano de escolaridade. Devido à existência de provas de aferição no 4º ano não foi possível trabalhar com estes alunos, uma vez que os professores manifestaram indisponibilidade para colaborar, o mesmo acontecendo com os alunos do 6º ano por causa da realização de exames nacionais.

Devido às características das turmas, já referidas anteriormente, só foi possível recolher dados de 21 respondentes.

Em primeiro lugar recolheram-se os dados relativos aos níveis de crenças generalizadas demonstradas pelos respondentes, ao que se seguiu a recolha de dados relativos aos pares específicos. Deste modo, foi feita a associação da recolha de dados relativos a dois instrumentos, o que permitiu obter diferentes scores de confiança (relativos aos 2 instrumentos) e um indicador de reciprocidade das perceções e decisões de confiança.

O tipo de análises feitas (na abordagem das questões de investigação e das hipóteses) privilegiou a representação gráfica dos resultados referentes a cada um dos grupos, no sentido de se visualizar tendências, e estatística descritiva, medidas de tendência central e de dispersão, sempre que possível. Existiu também a preocupação de fazer uma caracterização da distribuição nas variáveis. Devido às limitações de ordem prática na recolha dos dados, este estudo tem um carácter iminente exemplificativo, enunciando quais os métodos de abordagem da investigação e ilustrando-os, apenas no caso de uma turma. Não foi descurada a importância de procedimentos de estatística inferencial, que foram identificados e ilustrados em vista de futuros estudos;

com as limitações atuais do grupo de respondentes, optou-se em geral por ilustrar a aplicação de métodos não paramétricos (testes de diferenças na tendência central /mediana) mais robustos para esta situação, mas considerou-se igualmente o teste de homogeneidade das variâncias.

IV - Resultados

Análises de Fidelidade/ estabilidade das Medidas e Estatística Descritiva: Escala CGTBS Portuguesa e Tarefa Adaptada do Dilema do Prisioneiro

Procedeu-se a uma exploração inicial dos dados para averiguar da forma e das características da distribuição e dos parâmetros descritivos (tendência central, dispersão e amplitude das observações) das medidas, e ainda ao teste de normalidade da distribuição, através do comando “explore” do IBM SPSS Statistics 20, da CGTBS versão portuguesa e do procedimento sociométrico adaptado do Dilema do Prisioneiro. Considerou-se este passo como sendo importante no presente estudo, uma vez que o nº de observações disponíveis é muito restrito.

CGTBS versão Portuguesa:

Com a CGTBS, constata-se que os valores de medidas de tendência central (média, mediana e média cortada a 5%) se encontram muito próximos, levando a concluir que a média pode ser uma medida robusta. No que à dispersão diz respeito, os valores de desvio-padrão anunciam um adequado nível de variabilidade das observações. O mínimo observado tende a situar-se em torno do valor 2 ou do valor 3 na escala de resposta em 5 pontos (corresponde respetivamente aos níveis “acho que não” e “não sei” relativos ao juízo de probabilidade de esperar a conduta confiável), por isso não assume o nível mais baixo da escala de resposta; enquanto o máximo se localiza entre os níveis 4 e 5, ou seja, próximos do nível mais elevado da escala de resposta (ver quadro 1).

Quadro 1: estatísticas descritivas relativas à CGTBS (n=16+5=21)

	Média	mediana	min	max	percentil 25	percentil 75	gama	DP
Emocional	3,55	3,50	2,50	4,75	3,00	4,00	2,25	,64
Fidelidade	3,83	3,88	2,75	4,63	3,63	4,25	1,88	,50
Honestidade	2,99	3,00	1,50	4,63	2,50	3,38	3,13	,72
Mae	3,69	3,67	2,67	4,67	3,17	4,17	2,00	,63
Pai	3,66	3,83	2,00	4,67	3,17	4,17	2,67	,68
Professor	3,16	3,33	2,00	4,50	2,83	3,50	2,50	,63
Amigo	3,32	3,33	1,83	4,67	3,00	3,67	2,83	,69
Ci_Total	3,46	3,46	2,71	4,46	3,08	3,63	1,75	,49

A inspeção visual dos gráficos (normal Q-Q e Detrenched normal Q-Q) e a aplicação do teste de normalidade Shapiro-Wilk (ver anexo 1) apropriado a amostras de pequena dimensão, conduzem à conclusão de não excluir a hipótese de que os Scores da CGTBS obtidos com a amostra sejam oriundos de uma população caracterizada por uma distribuição normal, (porquanto os p-valores associados à estatística do teste em causa assumem valores bastante superiores a 0.05). Tal verifica-se para os vários scores (Score Total Crenças de Confiança Interpessoal Generalizadas, Scores Emocional, Fidelidade, Honestidade, Mãe, Pai, Professor e Amigo).

Através da análise da consistência interna do score total da CGTBS pelo método de alpha de Cronbach é possível inferir que existe um elevado valor de fidelidade da escala total composta por 24 itens ($\alpha=0.82$). Não se verifica nenhum caso de melhoria deste valor com a retirada de um item. Conclui-se que a escala total de CGTB portuguesa possui, para a amostra em apreço um nível de fidelidade elevado.

Uma análise dos scores médios em função do sexo da criança, na turma A (Quadro 2) sugere pontuações mais altas dadas pelas crianças do sexo feminino, no entanto, não estatisticamente significativas (t de student para amostras independentes devolve valor p bastante superiores a 0,05).

Quadro 2: Valores médios no Scores da CGTBS em função do sexo da criança

Valor médio	Sexo da criança	
	Fem.	Masc.
EMOC	3,77	3,42
FIDE	3,97	3,74
HONES	2,80	3,11
MAE	3,65	3,72
PAI	3,75	3,60
PROF	3,04	3,23
AMIGO	3,60	3,14
CI_TOTAL	3,51	3,42

Tarefa de Perceção e Decisão Adaptada do Dilema do Prisioneiro

Avaliação da estabilidade dos juízos de perceção da confiabilidade relativamente ao par, nesta tarefa

A estabilidade dos juízos de perceção da confiabilidade do par na tarefa do Dilema do Prisioneiro, dada pela correlação Item-Item (para o par de cartões em que cada criança emite uma perceção de cada colega) revela-se baixa a moderada, mas altamente significativa (R de Spearman, de 0.37, associado a um nível de significação 2-tailed inferior a 0.00). (ver quadro 3)

Quadro3: correlação Item-Item para o par de cartões em que a criança emite uma percepção de cada colega (Tarefa do Dilema do Prisioneiro)

		Percepção1	Percepção2	Decisão 1
Percepção2	Ró	,37**	1,00	,35**
	Sig. (2-tailed)	,00	.	,00
	N	260	260	260
Decisão1	Ró	,26**	,35**	
	Sig. (2-tailed)	,00	,00	
	N	260	260	
Decisão2	Ró	,22**	,21**	,46**
	Sig. (2-tailed)	,00	,00	,000
	N	260	260	260

Cumprir proceder a uma descrição e caracterização preliminar da distribuição das observações com esta medida _ número de pares com quem apresenta simultaneidade de percepção e de decisão cooperativa.

A turma 1 engloba 16 crianças, pelo que o indicador assume valores teoricamente entre 0 e 16. Constata-se que a média e a mediana diferem em 1 ponto, mas a média cortada a 5%, com o valor de 6.04 aproxima-se da média, que é de 6.19. verifica-se que os valores de confiança nos pares (na turma em causa), variam bastante, desde o mínimo 0 até ao máximo de 15 (em 16 pontos possíveis). A Variabilidade, dada pelo desvio-padrão é também razoável (4.9). (Ver quadro 4)

Quadro4: estatística descritiva dos scores da tarefa do Dilema do Prisioneiro: tendência central e dispersão (turma 1 N=16)

	média	mediana	Min	Max	P 25	P 75	Gama	DP
Percepção_e_ Decisão _Cooperar	6	6,50	0	15	2	8	15	4,90

Registam-se valores moderados de assimetria e de curtose, face aos erros-padrão respetivos, no entanto não se exclui que esses erros padrão tenham alguma magnitude (especialmente no caso da curtose), o que pode ser compreendido pela muito reduzida dimensão da amostra.

No que se refere à Turma 2, que contou com 5 respondentes, observa-se que há uma criança com um score de confiança de 0, há duas com um

Confiança Interpessoal nos Pares e Crenças de Confiança Generalizadas (em população escolar, dos 10 aos 12 anos de idade)

score de 1, uma com um score de 2 e uma com o score de 4 (ver quadro de frequências da turma 2). Deste modo, as observações variam entre 0 e 4, com moda no valor 1.

Diferenças entre Pares do mesmo sexo e Pares de sexo diferente nas avaliações / juízos na Tarefa do Dilema do Prisioneiro

No sentido de replicar os resultados de Rotenberg et al., (2002) que evidenciavam uma relação entre a avaliação da confiança interpessoal nos pares e o sexo da díade (par do mesmo sexo versus par de sexo diferente), foram analisadas nesta tarefa as diferenças dos dois tipos de pares /díades em cada uma das avaliações, de per si (ver Quadro 5), e em função do sexo do emissor (Quadro 6). Mais particularmente, analisaram-se as somas e as médias (nº de juízos positivos) de Percepção no primeiro e no segundo cartão, Percepção Total (nos 2 cartões) e de Decisão em cada cartão e Decisão Total (2 cartões). Ter-se-á em conta que na Turma A (com 16 alunos, 10 do sexo masculino e 6 do sexo feminino) foram recolhidos 240 juízos, dos quais 90 realizados por meninas (60 a pares do mesmo sexo, e 30 a pares de sexo diferente) e 150 emitidos por meninos (60 em pares do mesmo sexo, e 90 em pares de sexo diferente). Em suma, os juízos emitidos por pares do mesmo sexo e de sexo diferente são no total em mesmo número 120 juízos).

Tendo-se codificado os pares segundo são do mesmo sexo, ou de sexos diferentes, e comparando os dois tipos de pares na soma ou na média das percepções e das decisões, obtém-se o resultado (Quadro 5): Na **Percepção** da confiabilidade do colega de cumprir a promessa de cooperar, os pares do mesmo sexo e de sexos diferentes não parecem diferenciar-se. Essa diferenciação parece dar-se unicamente na **Decisão** de cooperar, em que sistematicamente, os pares do mesmo sexo apresentam uma soma superior de decisões de cooperar, relativamente aos pares de crianças de sexos diferentes.

Quadro 5: Soma de juízos positivos nas diversas avaliações solicitadas na tarefa do Dilema do prisioneiro consoante o tipo de Par : mesmo sexo ou sexo diferente., na turma A

Soma de juízos positivos	Sexo do par	
	Sexo Diferente	Mesmo sexo
Percep1	86,00	83,00
Percep2	79,00	84,00
Percep total	165,00	167,00
Deci1	84,00	93,00
Deci2	75,00	91,00
Deci_total	159,00	184,00

Analisando estes dados em função do sexo do emissor do juízo (desta feita, através dos valores médios dos juízos), notamos um padrão algo mais complexo: as meninas da turma tendem a perceber mais os pares do mesmo sexo como mais confiáveis, mas os rapazes da turma tendem a perceber os pares de sexo diferente como mais confiáveis nesta tarefa (ou seja, os dois sexos fazem um juízo de percepção mais favorável nos pares do sexo feminino, do que nos pares do sexo masculino). Na decisão de honrar a confiança e cooperar, as crianças do sexo feminino não diferenciam substancialmente os pares, mas as do sexo masculino privilegiam marcadamente as díades do mesmo sexo, para cooperar. Em suma, as crianças do sexo feminino são mais percebidas como confiáveis em geral, seja pelos pares do mesmo sexo feminino, seja pelos do sexo masculino. Essas crianças do sexo feminino das suas decisões, decidem confiar em todos os tipos de pares de modo idêntico. As do sexo masculino, são menos percebidas como confiáveis, mas emitem decisões mais favoráveis para os pares do mesmo sexo (Quadro 6). Este é um padrão observável, mas não foi testado neste estudo (testável por meio de ANOVA ou MANOVA com os fatores Sexo do emissor X tipo de Par, em que as medidas são repetidas no segundo fator).

Quadro 6: Médias de avaliações / juízos positivos na tarefa do D.P. em função do sexo do emissor e do tipo de Par _ par do mesmo sexo ou de sexo diferente, na turma A

Média de avaliações positivas	Sexo emissor			
	fem		masc	
	Sexo do par		Sexo do par	
	Sexo Diferente	Mesmo sexo	Sexo Diferente	Mesmo sexo
Percep1	,63	,70	,80	,69
Percep2	,60	,73	,72	,69
Percep total	1,23	1,43	1,52	1,38
Deci1	,72	,70	,68	,80
Deci2	,62	,67	,63	,79
Deci_total	1,33	1,37	1,32	1,59

Análises da associação entre as medidas de confiança interpessoal CGTBS portuguesa e tarefa baseada no Dilema do Prisioneiro:

Nesta secção descrevem-se os resultados de análises de correlação entre as duas medidas e testes realizados à igualdade das distribuições nos scores CGTBS entre grupos constituídos com base nos scores da tarefa do Dilema do Prisioneiro

Passamos agora aos resultados referentes à análise da associação entre Confiança Interpessoal nos Pares e Crenças de Confiança Generalizadas (em população escolar, dos 10 aos 12 anos de idade)
Daniela Alves Nunes e Silva (dannusil@yahoo.com) 2012

as duas medidas de confiança interpessoal. Tal será realizado principalmente na turma 1, por motivos já anteriormente apresentados neste trabalho. A inspeção visual dos diagramas de dispersão das observações quando representadas nos eixos de Score da Tarefa do Prisioneiro (eixo de x) e scores da CGTBS (eixo de y), sugere que as crianças que confiam muito nos seus pares específicos na tarefa do Dilema do Prisioneiro apresentam scores de crenças generalizadas que, variando entre os 2,5 e os 3,5 conforme os scores em causa (confiança moderada a baixa) se tendem a localizar, comparativamente com os seus pares, na gama mais baixa das respostas (Score_Total, Pai, Professor, Mãe, Honestidade e Emocional) ou numa gama mais moderada de respostas (Amigo, Fidelidade). Tendem também a apresentar menos heterogeneidade nas respostas na CGTBS do que as restantes crianças (contudo há que ter cuidado com as elações feitas das observações efetuadas, uma vez que estas são em número reduzido).

Em geral, as crianças que não confiam nos pares específicos, tal como medido pela tarefa do Dilema do Prisioneiro, tendem a apresentar scores na CGTBS muito heterogéneos, ou que abrangem uma ampla gama de respostas (CI_total; Amigo), ou a parte superior da gama (Professor, Honestidade) ou a parte superior e a inferior (Pai, Mãe, Fidelidade, Emocional). As crianças com confiança moderada nos pares específicos na tarefa do Dilema do Prisioneiro apresentam valores nos Scores de CGTBS ainda mais heterogéneos, embora menos do que o grupo anterior, e em geral, menos extremados e menos negativos do que os do grupo acabado de descrever (Exceto, Honestidade), e geralmente menos negativos do que as crianças que confiam extramente nos pares específicos.

É de notar que scores de AMIGO e de FIDELIDADE apresentam uma certa singularidade no padrão de respostas destas crianças que confiam muito nos pares específicos. Neste caso, as respostas das crianças com alta confiança nos pares específicos (Score alto na tarefa do Dilema do Prisioneiro) é mais homogénea ou mais moderada e a de crianças com confiança intermédia nos pares específicos (médio score na tarefa adaptada do dilema do prisioneiro) é mais elevada do que as das crianças com baixa confiança nos pares específicos (baixo score tarefa adaptada do Dilema do Prisioneiro).

Na turma 2, a criança que confia em 4 dos seus colegas no procedimento adaptado do Dilema do prisioneiro, manifesta valores entre 3 e 3.5 tendencialmente, de crenças generalizadas de confiança interpessoal na escala CGTBS. De registar que esses valores se encontram comparativamente aos evidenciados pelos 4 colegas, entre as observações mais baixas, com exceção dos scores Honestidade, Mãe e Professor (neste caso, estão no meio da gama de valores do grupo).

Na turma 1, há um pequeno grupo de 3 crianças com elevado Score de autoconfiança nos pares específicos, que apresenta características comuns (homogéneos) nos scores CGTBS, mais moderados do que os das outras crianças na base Fidelidade e Alvo Amigos, e nos scores da CGTBS apresentam os valores mais baixos da gama observada, sendo que estes não são abaixo de 2.5 ou 3 pontos.

Há ainda um grupo com níveis intermédios de confiança nos pares

específicos, na tarefa adaptada do Dilema do Prisioneiro, que é menos homogéneo nos scores CGTBS, que não obstante são menos variáveis do que os das crianças que pontuam baixo naquela tarefa, e que em geral são menos extremados e menos negativos que este grupo (excetuando a base honestidade e o alvo professor) e mais positivos do que o grupo das crianças com pontuação elevada na tarefa adaptada do Dilema do Prisioneiro. Esta relação aplica-se à base Fidelidade e ao alvo Amigo.

Os gráficos (nº1, nº2) representam a relação entre os valores de tendência central obtidos nos scores da CGTBS em função dos valores do P

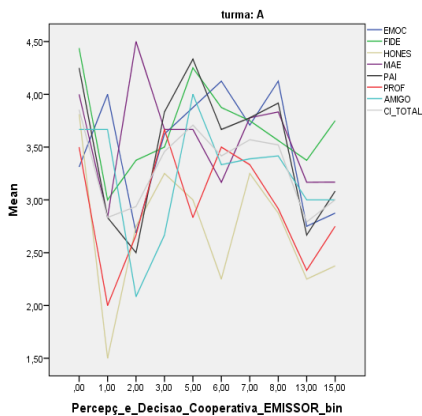


Gráfico nº 1

do P

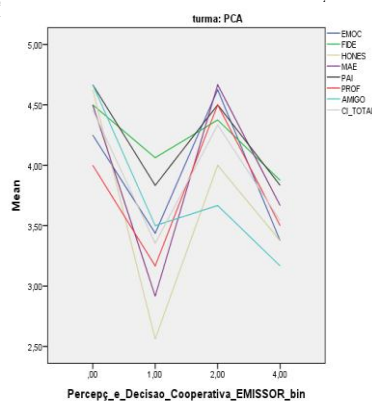


Gráfico nº2

Não parece existir uma relação linear exclusiva entre as duas medidas, embora seja patente uma tendência decrescente. Não obstante, há enormes variações entre níveis consecutivos da variável do score no Dilema do Prisioneiro.

Existe uma singularidade dos scores na CGTBS das crianças com 0 no score Percepção_e_Decisão_Cooperativas no Dilema do Prisioneiro. A sua pontuação nas crenças generalizadas na CGTBS é a mais extremada da turma. O mesmo carácter extremado das crenças na CGTBS das crianças com pontuação 0 na tarefa do Dilema do Prisioneiro ocorre na turma 2 (replica-se de modo completamente independente da turma anterior o mesmo fenómeno). Se excluirmos as crianças de score 0 na tarefa do Dilema do Prisioneiro, o padrão de relação entre aquele score e a tendência central na CGTBS passa a ser curvilíneo, com crenças mais elevadas na zona intermédia de percepção e cooperação com pares específicos na tarefa supracitada.

Com a base de dados mais restrita (14 respondentes da turma 1), o teste à relação linear consistiu na análise de correlação não paramétrica (Rho de Spearman) entre o nº de pares em que cada criança percebe a confiabilidade e decide cooperar por um lado, e as escalas da CGTBS, por outro. Nenhuma das variáveis da CGTBS assume correlação significativa com aquele score do Dilema do Prisioneiro. (ver quadro7)

Analisando as medidas de carácter bilateral (Percepção e Decisão de cooperar na tarefa do DP) e unilateral (percepção de que os colegas irão cooperar ; ou decisão de cooperar) quanto à sua associação linear com os scores da CGTBS (especialmente no alvo Amigos e base Fidelidade) nas

duas bases (com as crianças todas $n= 21$ crianças e sem as crianças que apresentam score zero no DP: $n= 18$ crianças) verificam-se escassas tendências de associação, que inesperadamente são de sinal negativo, e apenas na base que integra as crianças com esse score extremo no DP.

Quadro 7: Correlação de Spearman entre variável de Percepção e Decisão Cooperativa (bilateral e unilateral) na tarefa do Dilema do prisioneiro e as Escalas da CGTBS (Rho e sig.-2 tailed) em duas bases de dados, com e sem as crianças com scores extremados no DP, (correspondente a um score de zero)

		Emoc	Fide	Hones	Mae	Pai	Prof	Amigo	Ci_Total
n= 21									
Percepção e Decisão Cooperativa DP	rho	-0,15	-,473*	-0,43	-0,22	-0,38	-0,33	-0,30	-0,35
	Sig. (2-tailed)	0,53	0,03	0,05	0,33	0,09	0,15	0,18	0,12
Percepção de confiabilidade do par	rho	-0,12	-0,16	-0,39	-,433*	-0,30	-0,04	-0,03	-0,25
	Sig. (2-tailed)	0,60	0,50	0,08	0,05	0,19	0,86	0,91	0,28
Decisão de cooperar no DP	rho	-0,17	-0,23	-0,34	-0,17	-0,22	-0,28	-0,21	-0,23
	Sig. (2-tailed)	0,47	0,31	0,13	0,45	0,33	0,21	0,36	0,32
n=18 (sem os respondentes com score zero no DP _ nas 2 turmas)									
Percepção e Decisão Cooperativa DP	rho	-0,19	0,12	-0,23	-0,36	-0,15	0,12	0,07	-0,06
	Sig. (2-tailed)	0,45	0,64	0,36	0,15	0,55	0,65	0,79	0,81
Percepção de confiabilidade do par	rho	-0,09	0,13	-0,06	0,03	0,06	-0,07	0,02	0,08
	Sig. (2-tailed)	0,72	0,60	0,83	0,91	0,82	0,79	0,93	0,76
Decisão de cooperar no DP	rho	-0,14	-0,19	-0,11	0,00	-0,12	-0,12	-0,17	-0,04
	Sig. (2-tailed)	0,58	0,46	0,67	0,99	0,63	0,63	0,50	0,87

Retirados esses casos, as correlações deixam em absoluto de ser significativas, não sendo patente nenhuma tendência de associação linear. Na amostra com 21 crianças, verifica-se uma relação estatisticamente significativa mas negativa da resposta bilateral de Percepção e Decisão Cooperante com a base **Fidelidade** ($\rho = -0,48$, $\text{sig. (2 tailed)} = 0,03$) e uma tendência de associação, também negativa, que está no limiar da significação estatística, com a base **Honestidade** ($\rho = -0,43$, sig. (2 tailed))

Confiança Interpessoal nos Pares e Crenças de Confiança Generalizadas (em população escolar, dos 10 aos 12 anos de idade)

= 0,054). Quanto a medidas de carácter "unilateral" na tarefa do DP, a percepção de que os colegas irão cumprir a sua palavra de cooperar está significativamente mas negativamente correlacionada com o score de confiança no Alvo Mãe (rho de Spearman = -0,43, sigma (2 tailed) de 0,05). A Decisão Unilateral de Cooperar na tarefa do DP não apresenta nos nossos dados nenhuma tendência de associação com qualquer dos scores da CGTBS. Este resultado diferencia-se do registrado Por Rotenberg et al (2002). Contrariamente à direção tomada por estes autores, no presente estudo opta-se por explorar perfis dentro do grupo-turma, de grupos de crianças em função dos seus scores nesta tarefa.

Digno de nota, o facto de não emergir qualquer associação com o Alvo Amigo da CGTBS. Em suma, nenhuma tendência de associação linear entre as medidas ocorre quando se retiram da base de dados os casos de crianças com um score de zero na tarefa do DP.

Orientando-nos por um procedimento exploratório – na assunção de que as crianças não confiavam em nenhum par na tarefa do Dilema do Prisioneiro teriam interpretado a tarefa noutra direção – procedemos então à constituição de uma base de onde foram retiradas as 3 casas correspondentes a estas crianças (n=14 para a turma A).

Seguidamente, procedemos à identificação de clusters obtidos com base no Score de Percepção e Decisão Cooperativas na tarefa do Dilema do Prisioneiro (classificámos e agrupámos os casos nesta variável), referindo-nos unicamente à turma 1. Recorremos à Análise de Clusters hierárquica, pelo método Furthest Neighbor (Complete Linkage) e com a medida de distância de quadrado da distância Euclidiana. Da análise do dendograma (apresentado em anexo), considerou-se que se podiam identificar 3 classes de respondentes bastante próximas nesta variável, pelo que retivemos 3 clusters, que em seguida descreveremos.

O cluster 1 é composto por 3 respondentes e tem elevada pontuação na Percepção_e_Decisão_Cooperativa na Tarefa do Dilema do Prisioneiro (média 14.33, com mínima de 13 e máxima de 15), o cluster 2 integra 7 respondentes e tem pontuação intermédia (média de 6.86, mínima de 5 e máxima de 8) e o cluster 3 comporta 4 respondentes e tem baixa pontuação (média de 2, mínima de 1 e máxima de 3).

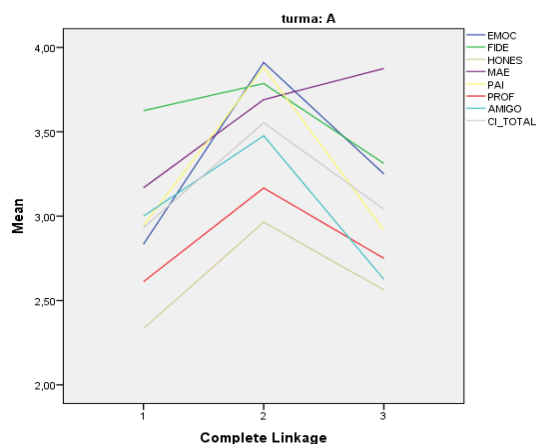


Gráfico nº 3: Valores médios (perfil) nas subescalas da CGTBS de cada cluster de respondentes nas pontuações na Percepção_e_Decisão Cooperativa na tarefa do DP.

Representando graficamente a tendência central nas várias escalas da CGTBS correspondente aos 3 clusters, mas sobretudo nos clusters mais numerosos, obtidos em Percepção e Decisão Cooperativa nos pares, observamos que:

- Todos os clusters apresentam variação entre os scores da CGTBS. Geralmente, as crenças de confiança emocional e as de fidelidade estão no topo dos valores.
- A tendência geral encontrada é que para o cluster 2, que apresenta valores intermédios de confiança nos pares (tarefa do Dilema) apresente níveis de crenças generalizadas nas subescala da CGTBS superiores aos outros dois clusters.
- Regista-se que o cluster 3 (baixa pontuação na tarefa do Dilema) apresenta crenças generalizadas, usualmente em torno de 3 (na parte inferior da gama dos valores que foram observados), mas com um perfil em que o Amigo apresenta os scores mais baixos e a Mãe os mais elevados. A Fidelidade, mantendo-se a base mais importante, tem menor pontuação do que em outros grupos.
- O cluster 1, por contraste, confere às crenças generalizadas de Fidelidade um valor superior (comum ao cluster 2) e uma confiabilidade da Mãe relativamente menor (o Cluster 2 já denuncia essa tendência decrescente) e por isso, a confiabilidade do Amigo se torna muito próxima da Mãe.

Não se verificando uma relação linear (o que se refletiu na ausência de correlação significativa entre os scores das duas medidas), a opção que se abre, para um estudo com maior número de observações nos grupos, é a de caracterizar e testar a existência de diferenças entre os grupos, através de testes não paramétricos. Um teste apropriado é de igualdade de medianas para amostras independentes, que será ilustrado com vista a estudos futuros, atendendo à dimensão reduzida dos clusters no presente caso: obtendo-se na comparação das distribuições dos grupos, valores de sigma associados à estatística inferiores a 0.05, conduzir-nos-ia à rejeição da hipótese nula de que os grupos são provenientes de populações que seguem a mesma distribuição. Essa tendência ocorre aqui com os scores Amigo e CI_TOTAL, mas estes resultados estão sob reserva pela dimensão dos clusters como acima mencionado (a escala Amigo devolve-nos um p valor de 0.023, e a Escala CI_TOTAL o mesmo valor $p = 0.02$). Normalmente prosseguir-se-ia a análise com testes post-hoc para averiguar onde se situam as diferenças significativas (entre as quais pares de clusters).

Uma última questão acerca da relação entre as distribuições obtidas com as duas medidas, é a de explorarmos o padrão visual de heterogeneidade dos scores CGTBS dos grupos na tarefa do Dilema do Prisioneiro, comparando os clusters entre si: uma vez que uma pergunta importante é se surgem valores mais moderados em alguns desses grupos. Para esse fim, optar-se-ia por representar a distribuição

nos 3 clusters (ilustrando o procedimento a ter com uma amostra mais numerosa) através de um gráfico de caixas e bigodes (boxplots). A versão mais típica do gráfico, em que a caixa está localizada sobre a mediana e os seus limites recobrem os quartis 1 e 3, enquanto os “bigodes” recobrem os limites dentro de 1.5 vezes o intervalo interquartílico da mediana, sendo os outliers, se existentes, identificados por pequenos círculos, é apropriada. (Observa-se que tipicamente, o máximo e o mínimo encontram-se dentro da distância à mediana de 1.5 do intervalo interquartílico.)

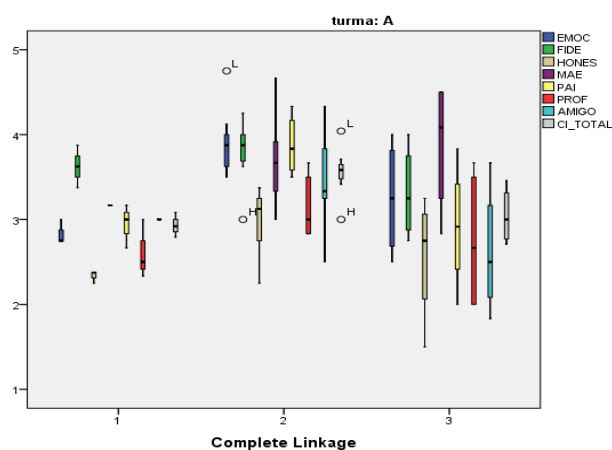


Gráfico nº 4

Quadro 8: Gama de resultados da Escala CGTBS nos 3 clusters constituídos no score do DP.

		Clusters		
		1	2	3
Emocional	Máximo	3,00	4,75	4,00
	Mínimo	2,75	3,50	2,50
Fidelidade	Máximo	3,88	4,25	4,00
	Mínimo	3,38	3,00	2,75
Honestidade	Máximo	2,38	3,38	3,25
	Mínimo	2,25	2,25	1,50
Mãe	Máximo	3,17	4,67	4,50
	Mínimo	3,17	3,00	2,83
Pai	Máximo	3,17	4,33	3,83
	Mínimo	2,67	3,50	2,00
Professor	Máximo	3,00	3,67	3,67
	Mínimo	2,33	2,83	2,00
AMIGO	Máximo	3,00	4,33	3,67
	Mínimo	3,00	2,50	1,83
CI_TOTAL	Máximo	3,08	4,04	3,46
	Mínimo	2,79	3,00	2,71

A observação a olho nu sugere maior heterogeneidade do cluster 3 (gráfico 4 e Quadro 8), o teste apropriado seria o teste de Levene para a igualdade das variâncias, mas opta-se por não o aplicar na situação atual, em virtude da dimensão reduzida dos clusters.

Ao estudarmos a medida no Dilema do Prisioneiro constituída pela conjunção da percepção de confiabilidade do par (cumprindo a sua promessa de cooperar) e da decisão própria de cooperar nessa tarefa, estaremos um passo além da mera expectativa de confiabilidade do outro, uma vez que incorpora o desejo da criança de corresponder e tornar recíproca essa confiança. Uma questão que daqui decorre é se na medida menos complexa restrita à simples expectativa sobre conduta do par será mais aproximada à das crenças generalizadas avaliadas pela escala CGTBS. Um score baixo em confiança nos pares na Tarefa adaptada do Dilema do Prisioneiro pode dever-se, seja a um défice na percepção de confiabilidade dos pares, seja na decisão própria. E ainda se considera que esta decisão pode ser afetada por uma variável estranha, como seja, a interpretação que a criança faça desta tarefa, como tendencialmente cooperativa ou competitiva.

Análise dos resultados relativos à condição de reciprocidade estabelecida nas percepções e decisões de confiança entre pares (na tarefa do Dilema do Prisioneiro) e sua associação com CGTBS versão portuguesa

Para avaliar as relações de confiança recíprocas estabelecidas com os pares na turma, constituímos uma variável em que uma criança pontua como tendo uma relação de reciprocidade com o par se simultaneamente a percebe como confiável, decide cooperar, e é por ela percebida como confiável e ainda recebe uma decisão de cooperação. Por outras palavras é o caso em que uma díade de crianças simultaneamente confia, enquanto emissor de juízos de confiabilidade e de decisões de cooperação, e é confiado enquanto recetor de juízos de confiabilidade e alvo das decisões. Este indicador procura ir ao encontro da confiança estabelecida no seio das relações com os pares, já desenvolvida no seio de uma troca recíproca.

Contarão para este score o nº de pares com que cada criança apresenta essas condições como emissora e como alvo de juízos e de decisões. Há a notar que esta nova variável deverá necessariamente estar associada ao score de Percepção e Decisão Cooperativa, mas o grau de correlação dependerá da magnitude da tendência para as percepções e decisões positivas que cada criança emite serem acompanhadas da receção, como alvo, do mesmo teor dos juízos e decisões por parte dos pares. Observa-se um coeficiente de correlação não paramétrico R de Spearman de 0.90, altamente significativo (sig 2-tailed <0.00), o que indicia que o próprio score do Dilema do prisioneiro já se relaciona fortemente com a reciprocidade.

Tendo presente a hipótese de uma relação de reciprocidade com os pares com a moderação das crenças generalizadas, tida por mais funcional para o estabelecimento de juízos contextuais e específicos por parte das crianças, testámos a existência de uma relação linear (que se esperava ser nula neste caso), bem como a existência de

diferenças entre grupos ou classes de Reciprocidade com os pares na distribuição que assumem as escalas da CGTBS. Continuando a trabalhar com a base que retirava os casos com percepção e cooperação 0, procedemos preliminarmente ao cálculo das estatísticas descritivas para esta variável de Reciprocidade. Esta variável, no caso da turma 1, assume valores situados entre o mínimo de 0 e o máximo de 9. Observa-se alguma discrepância entre medidas de tendência central para esta variável_ a média é de 2.86; a média cortada a 5% é de 2.67, e a mediana de 2.50_ e um desvio-padrão de 2.32. Da inspeção visual dos gráficos e do teste de Shapiro-Wilk, haverá lugar a rejeitar a hipótese de que a amostra de observações seja oriunda de uma população com distribuição normal.

Da inspeção dos diagramas de dispersão (confrontar anexo 6) das observações representadas ordenadas nas dimensões de nº de pares com confiança recíproca no eixo de X, e nas dimensões dos scores da CGTBS no eixo de Y: Na globalidade dos scores da CCCTB, a progressão nos níveis de reciprocidade da confiança com pares específicos, de baixa a intermédia e de intermédia, e para alta, faz-se acompanhar sucessivamente de, uma diminuição da variabilidade verificada nos níveis mais baixos (aquí cobrindo toda a gama de variação das crenças generalizadas da CCCTB) com uma redução dos níveis negativos de crenças generalizadas (e nalguns casos, alguma elevação para mais positivos), e, finalmente, de uma evolução para níveis baixos na gama observada de crenças generalizadas (caso de um pequeno nº de crianças apresentando elevada reciprocidade com os pares), na maioria dos scores da CCCTB (CItotal Emocional, Honestidade, Mãe), e, apenas nalguns scores, uma evolução para níveis moderados da gama observada de crenças generalizadas (Fidelidade, Amigo, e menos, Pai e Professor). Neste caso, distinguíramos 3 zonas da distribuição do score de reciprocidade na confiança interpessoal com os pares específicos.

Em representação gráfica de tendência central nas escalas de CGTBS em função do valor assumido na Reciprocidade não se verifica geralmente uma tendência de relação linear, com a exceção da escala de Mãe (tendência decrescente). No caso da escala Fidelidade, há uma relação que cresce até aos níveis moderados de Reciprocidade e se mantém alta. Estas são duas escalas em que os polos extremos de Reciprocidade se salientam particularmente, num caso, salienta-se pela positiva o extremo inferior de Reciprocidade (Mãe) e no outro, salienta-se o extremo superior da distribuição da Reciprocidade (Fidelidade).

Nas restantes escalas, observa-se um padrão curvilíneo, com os valores mais altos de crenças generalizadas a corresponder à zona de reciprocidade intermédia. Dentro deste padrão, em particular, nas escalas Amigo e Professor, com a alta Reciprocidade, os valores moderam-se, assumindo no final valores menos negativos do que no polo de muito baixa Reciprocidade. Já nas restantes escalas, os polos extremos inferior e superior da distribuição da reciprocidade

manifestam valores de tendência central idênticos e baixos (CI_Total, Honestidade).

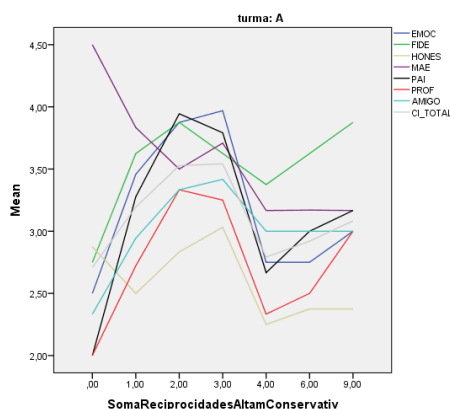


Gráfico n° 5

Como tal, salvo para as escalas Mãe (tendência de associação negativa) e Fidelidade (tendência de associação positiva) não se afigura como expectável uma correlação significativa entre as variáveis de reciprocidade na Tarefa adaptada do Dilema do Prisioneiro e crenças generalizadas.

Quadro 9: Análise de correlação entre Soma de Reciprocidade e Escalas da CGTBS: Coeficientes de correlação (Ró de Spearman) e correspondente valor de sigma 2-tailed, o número de observações é 14.

		emoc	fide	hones	mae	pai	prof	amigo	ci_total
Soma	Rho	-,08	,08	-,19	-,38	,03	,16	,09	,01
Reciprocidades	Sig.	,79	,78	,53	,18	,92	,59	,76	,97

A análise de correlação não paramétrica entre as variáveis não devolve nenhum coeficiente que atinja um nível significativo. O caso da escala Mãe é o que mais próximo está deste nível. (Ver Quadro 9)

É viável distinguir 3 zonas da distribuição do score de Reciprocidade na confiança interpessoal com pares específicos. Procedendo como acima mediante análise de clusters hierárquica, pelo método de Furthest Neighbor (complete Linkage) e medida de distância do quadrado da distância euclidiana, e analisando o dendograma resultante (em anexo) constatamos que 3 grupos se identificam bem com base nos scores desta variável.

Retendo 3 grupos, estes têm uma dimensão muito diversa. O cluster 1 é composto de duas crianças e apresenta a pontuação mais alta em Reciprocidade (entre 6 e 9 pontos), o cluster 2, integra 5 crianças e tem pontuação intermédia em reciprocidade (entre 3 e 4 pontos) e o cluster 3, com 7 crianças, apresenta a pontuação mais baixa de reciprocidade (entre 0 e 2).

Descreveremos quer a tendência central, quer a dispersão nas escalas da CGTBS, destes 3 grupos, por forma a complementar os gráficos e análises anteriores e a descrever melhor os padrões de relação não lineares. As únicas comparações com viabilidade são as que se poderão realizar entre os clusters 2 e 3 (pontuação média

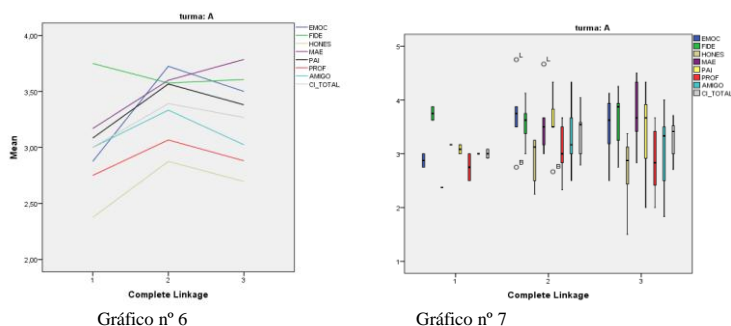
Confiança Interpessoal nos Pares e Crenças de Confiança Generalizadas (em população escolar, dos 10 aos 12 anos de idade)

Daniela Alves Nunes e Silva (dannusil@yahoo.com) 2012

versus baixa de Reciprocidade), pela reduzida dimensão do cluster nº 1 (duas crianças).

Num primeiro gráfico visualiza-se a média nas escalas da CGTBS dos três grupos constituídos (Clusters), e num segundo, um gráfico de caixas e bigodes, visualiza-se a dispersão dentro destes 3 grupos, mais uma vez, em ilustração do procedimento a ter num estudo futuro.

Sublinha-se o padrão de relação curvilínea para a maioria das escalas, exceção feita às de Fidelidade e de Mãe (gráfico 6).



Pode visualizar-se facilmente (no gráfico 7) que as duas crianças com elevada reciprocidade mantêm crenças muito semelhantes, mas, especialmente em relação aos clusters mais numerosos, que o cluster 3, caracterizado pela baixa Reciprocidade, tem maior variabilidade nas suas crenças generalizadas do que o cluster 2.

Seria ainda apropriado num estudo futuro o cálculo da estatística inferencial, seja destinada à comparação entre os clusters na tendência central, seja na dispersão.

V - Discussão

Segundo vários autores, como por exemplo, Tschannen-Moran & Hoy, 2000, a história pessoal de cada indivíduo influencia a sua capacidade de confiar e de poder ser confiado, assim, se por exemplo uma criança fosse dececionada muitas vezes pelo não cumprimento de promessas que lhe iam sendo feitas, então passaria a ser mais desconfiada relativamente às intenções e motivações dos outros, e como consequência disso, seria também ela menos confiável. Se pelo contrário uma criança fosse exposta a um ambiente em que as promessas que lhe fossem feitas (boas ou más), fossem cumpridas, então esse indivíduo cresceria com um nível de confiança nos outros mais elevado e tenderia por isso também a ser mais confiável.

As crenças generalizadas seriam portanto aquelas que surgiriam de alguma experiência com um alvo específico e que depois se alargariam a alvos gerais ou instituições (Rotenberg, 2010).

Um dado empírico que tem vindo a ser encontrado na investigação até agora realizada com a escala CGTBS versão portuguesa é o abaixamento dos

scores com a idade cronológica, correspondendo a uma resposta mais cautelosa e menos confiante a cada situação de confiabilidade nos diferentes alvos. (esta relação não pôde ser testada neste estudo dado o reduzido número de respondentes e a proveniência dos mesmos de duas turmas do mesmo ano de escolaridade, pelo que as idades não apresentavam grande variação. Contudo foram observados em estudos anteriores, como é o caso do estudo de Cardoso, 2012, em que utilizando uma amostra de 136 sujeitos (26+59+51) com idades compreendidas entre os 9 e os 11 anos, os alunos mais novos (9 anos) apresentam scores mais altos em 2 das 3 bases, designadamente, Honestidade e Fidelidade (mas não na Emocional) bem como no alvo Professor.

Estes dados conduzem-nos a conjecturar se com a idade e maior sofisticação cognitiva, a criança discrimina mais os seus juízos, estabelecendo-os na informação que detém sobre os alvos, e considerando as suas condutas concretas em causa. Esta conjectura conduz-nos à hipótese de que o grau de generalização dos juízos depende parcialmente da idade, efeito mediado pelas capacidades cognitivas, cognição social e correspondente base experiencial. Deste modo sem descurar fatores ou influências personológicas ou de história pessoal, a conjectura acima referida em termos concretos, pode ser descrita/operacionalizada em termos de uma diminuição com a idade e sofisticação cognitiva, da variância explicada pelo emissor, e o aumento da variância explicada pelo alvo ou pelo ato específico envolvido (a base). Esta conjectura tem por pano de fundo uma teorização da confiança como baseada num ato de conhecimento, num juízo e avaliação cognitivo e afetivo sobre a conduta do outro, na sua sensibilidade às influências contextuais. Poderá mesmo refletir-se neste abaixamento das crenças generalizadas, uma maior sensibilidade às situações de risco e de incerteza sobre a confiabilidade do outro, situações que poderão tornar a confiança ainda mais importante.

De acordo com o autor dos instrumentos, na segunda infância (7-12 anos) os pais continuam a ser uma fonte de influências das cognições sociais e dos comportamentos das crianças. Em virtude da entrada na escola, e convivência com um maior número de pessoas, as crianças adquirem maior noção das expectativas sociais e morais, sendo que a Honestidade, a Fidelidade e a Confiança Emocional são afetadas por estes fatores. Especialmente a Confiança Emocional, devido à maior intimidade entre amigos e à maior participação em grupos de pares (Rotenberg,2001).

Relativamente aos dados trabalhados neste estudo, sendo que não parece existir uma relação linear exclusiva entre as duas medidas estudadas, a tendência ocorre ser decrescente para o Alvo Mãe. Parece ocorrer um peso relativo diferente das crenças generalizadas nos alvos adultos e nos pares, na nossa amostra, consoante a confiança desenvolvida e investida nos pares por parte da criança, provavelmente como parte do seu movimento de individuação e autonomia.

No estudo da associação entre as duas medidas de Confiança Interpessoal, há que considerar algumas limitações potenciais da medida do DP: Não obstante existir uma correlação entre as réplicas (os dois cartões

referentes a cada par) de juízo da percepção do que cada par irá escolher nesta tarefa, e essa correlação ser muito significativa, ela não é muito elevada. As crianças não são altamente consistentes nos seus juízos em relação a cada par de cartões.

Há ainda elevadas variações nas crenças generalizadas em função de níveis consecutivos na variável do score na tarefa do Dilema do Prisioneiro. Conjetura-se que as crianças que não perceberam/ou rejeitam a decisão de cooperar com qualquer dos seus pares (score 0 na tarefa do Dilema do Prisioneiro) tenham simplesmente interpretado esta situação numa direção diferente, como sendo especificamente uma situação de competição, que em nada envolvesse a confiança interpessoal. A singularidade nos scores da CGTBS das crianças com 0 no score percepção_e_decisão_cooperativa nessa tarefa sugere isso mesmo: são estas que apresentam um score mais extremado nestas crenças, poderá isto significar uma dissociação entre a tarefa e as suas crenças. Para estas crianças a tarefa parece representar outra coisa ou refletir outras variáveis (por exemplo, competição ou caráter lúdico). Tal sugere a utilidade de uma recolha de dados suplementares, de natureza qualitativa, tendente a compreender a interpretação da tarefa pelas crianças.

Acerca da associação das duas medidas, uma vez que a análise preliminar perante a inspeção visual dos diagramas de dispersão conduz a rever a hipótese de que a relação entre as variáveis seja predominantemente linear, abrem-se hipóteses alternativas como por exemplo:

- A. relação entre as variáveis é curvilínea distinguindo-se 3 níveis ou grupos com baixa, média e alta confiança nos pares, diferindo entre si nos scores de confiança interpessoal generalizados.
- B. Nesta relação compreende-se a possibilidade de as crenças generalizadas serem superiores em níveis intermédios de confiança nos pares, e não nos níveis superiores. Tal significará que maior cooperação com os pares se cifre em níveis moderados (range de variações e variabilidade menor) de crenças generalizadas. Poderá colocar-se ainda a hipótese de as crenças se estabelecerem com mais convicção em certos sujeitos caracterizados por alta cooperação com os pares.

Esta hipótese corresponde a admitir que certos níveis de confiança em pares específicos poderão afetar, pressionando no sentido da moderação ou abaixamento das crenças generalizadas, se essa percepção e decisão forem mais sintonizadas com a informação contextual, pistas e elementos informativos a considerar nos juízos. Pode pensar-se mesmo que os próprios juízos de confiança poderão diferir, e por isso, a cognição sobre os outros em geral, quanto á sua estabilidade e consistência. No entanto, tal não leva a concluir da menor importância da própria confiança para as crianças mais velhas, ou as crianças com mais relações recíprocas nos pares, pois a abertura à incerteza é condição da ativação da expectativa e da decisão de confiança.

Para melhor enquadrar a correlação entre a medida de confiança

interpessoal e a tarefa do Dilema do Prisioneiro Rotenberg, MacDonald, e King (2002) apresentaram um estudo sobre a correlação entre as medidas (Escala de Confiança Interpessoal de Imber e Avaliações sob a forma de ratings do grau em que os colegas mantinham segredos e de cumpriam promessas). Tendo encontrado uma correlação pouco significativa entre estas medidas, equacionaram a hipótese de o género dos pares constituídos afetar os resultados. Os autores diferenciaram as crenças de confiança entre pares do mesmo género e entre pares de género diferente. Ao fazer esta distinção tornou-se patente a correlação entre pares do mesmo género e as crenças de confiança em pares próximos (relações próximas entre pares).

Ao equacionarmos a possível diferenciação entre pares do mesmo sexo e de diferentes sexos na Tarefa do Dilema do Prisioneiro, tal conduziu-nos a analisar cada um dos juízos emitidos nessa tarefa. A tendência de diferenciação dos resultados pelo Sexo e pelo Tipo de Par no grupo_turma A na tarefa do Dilema do Prisioneiro parece ser diferente da observada pelos autores supracitados. Da observação dos diferentes tipos de juízos / avaliações recolhidas na Tarefa em função do sexo da criança que emite a avaliação, e do sexo do par no seio do qual o juízo é emitido, regista-se um padrão, de as crianças do sexo feminino percecionarem como mais confiáveis os seus pares do mesmo sexo, sem que no entanto nas suas decisões de confiar modifiquem notoriamente as decisões em função dos tipos de pares. Já as crianças do sexo masculino, tendem a percecionarem as colegas do sexo feminino como mais confiáveis, mas, nas suas decisões, favorecem os pares do mesmo sexo. Este resultado é bastante distinto do encontrado por Rotenberg e cols (2002), com a tarefa de rating, uma vez que aí as crianças do sexo feminino eram as que mais favoreciam as do mesmo sexo nos seus ratings de confiança (os fatores Tipo de Par agia, com interação com o Sexo da criança emissor). Há a considerar a natureza da tarefa, que é diferente. Estes resultados conduzem-nos a considerar atentamente as características de cada tarefa, ao apreciar as diferenças sexuais nas avaliações de confiança, bem como nos conduzem a ter em conta o score de Perceção, separadamente do score de Decisão, nesta tarefa do Dilema do Prisioneiro.

Os autores acima mencionados questionam se o tipo de julgamento na escala de Confiança Interpessoal por eles aplicada, a escala de Imber, poderia explicar o facto de que os scores obtidos pelos seus participantes, estivessem tão claramente associados com as crenças de confiança em pares próximos. Equacionam o facto de as perguntas, na Escala de de Imber serem feitas sempre relativamente ao alvo AMIGO de forma genérica.

Ainda segundo Rotenberg, MacDonald, e King (2002) é possível que a relação entre medidas de confiança e o comportamento de confiança recíproca, na tarefa do Dilema do Prisioneiro, seja modesta dado que, a confiança recíproca é substancialmente afetada pelo comportamento de confiança dos pares para com o participante. No nosso estudo, os dados sugerem também a utilidade de ter em consideração os componentes de Perceção e de Decisão nesta tarefa separadamente.

No nosso estudo, a natureza do vínculo entre as crianças na turma não foi estudada; mas foi particularmente focado o número de colegas na turma com que cada um percebe a existência de confiabilidade (propensão para cumprir uma promessa de cooperar) e decide honrar a confiança e a cooperação. Privilegiou-se a quantidade ou a extensão das relações cooperantes com os pares, em prol da relação de proximidade ou intimidade entre eles. Não obstante, a confiança interpessoal pode equacionar-se nesta esfera menos íntima, mais extensa do que as relações de amizade, e mais exposta a uma diversidade de relações, e seus desafios. No entanto, o horizonte futuro do estudo é o de analisar as implicações da “negociação” das relações sociais de grupo, no modo de regular as crenças e as avaliações contextuais para um incremento das relações de reciprocidade, sejam em quantidade, mais amplas, sejam em qualidade, mais íntimas.

VI - Conclusões

Conclui-se que a Escala CGTBS versão portuguesa, possui para a amostra em apreço um nível de fidelidade elevado.

O estudo aqui apresentado teve por objetivos principais mostrar como se deverá operacionalizar um estudo para responder às perguntas de investigação colocadas e testar as hipóteses formuladas, designadamente, estudar a associação entre as medidas de confiança interpessoal que envolvem diferentes facetas do modelo, bem como diferentes alvos.

O estudo assumiu um caráter exploratório, pela identificação de padrões de relação inesperados, designadamente, a relação complexa não linear entre as medidas em questão. Esperava-se que a relação entre as medidas de confiança nos pares específicos na Tarefa Adaptada do Dilema do Prisioneiro e dos Scores de Crenças Generalizadas de Confiança Interpessoal, existissem no sentido de uma correlação positiva, sendo que essa relação deveria ser mais marcada com os Scores de Amigo e de Fidelidade, por serem a base e o alvo envolvidos na tarefa, tal como concebida por Rotenberg. Este estudo revelou a relação entre alvos, salientou a especificidade dos scores Fidelidade e Amigo, tal como esperado, mas revelou uma relação de contraste com o alvo Adultos e a base Honestidade.

Formula-se a hipótese de uma relação curvilínea. Tal sugere a viabilidade de distinguir 3 grupos com baixa, média e alta confiança nos pares, diferindo entre si nos scores de confiança interpessoal generalizados. Nesta relação, compreende-se a possibilidade de as crenças generalizadas serem superiores em níveis intermédios de confiança nos pares, e não nos níveis superiores, indo parcialmente ao encontro ao esperado no início do estudo, que era de com a reciprocidade das relações nos pares as crenças se tornarem mais moderadas.

Relativamente à Reciprocidade, tal como sucede com a medida de percepção e decisão confiante no seu padrão de relação com a CGTBS, a despeito de a tendência não ser linear, sugere uma relação positiva com os sub-scores de Fidelidade, e relação negativa com Alvo Mãe. Percebe-se à

Confiança Interpessoal nos Pares e Crenças de Confiança Generalizadas (em população escolar, dos 10 aos 12 anos de idade)

Daniela Alves Nunes e Silva (dannusil@yahoo.com) 2012

inspeção visual, menos heterogeneidade e pontuações moderadas e positivas de crenças generalizadas do cluster com moderada reciprocidade. Por isso, as hipóteses levantadas são similares às focadas acima. Os dados sugerem que o próprio score de Percepção-e-Decisão Cooperativa esteja relacionado com o grau de reciprocidade obtida nessa tarefa (percecionar consistentemente e decidir consistentemente confiar e ser percecionado e receber decisões de confiança).

Considerando os dados fundamentais do presente estudo a Escala CGTBS demonstra-se uma ferramenta muito útil para a identificação e intervenção em casos específicos.

Outra questão que pode estar a afetar os resultados é, tal como referido anteriormente na discussão, o desequilíbrio entre o número de rapazes e de raparigas participantes no estudo. Em estudos futuros, com uma amostra mais vasta, poderá ser útil reservar algum espaço ao estudo desta questão, e em particular, atender à potencial sensibilidade às tarefas ou modos de avaliação da confiança entre pares.

Seria igualmente útil num estudo futuro a utilização da BAS (Bateria de Socialização, aplicável a crianças e jovens a partir dos 11 anos) para que se pudessem comparar os resultados obtidos com este instrumento aos obtidos com os já anteriormente referidos, tendo presente as implicações do processo de socialização na família e no grupo de pares.

Outro caminho, não exclusivo do anterior, que se poderá seguir é o de estudar o impacto que as crenças de confiança interpessoal, generalizadas e em pares específicos que são os colegas de turma, têm na vida escolar dos sujeitos, nomeadamente obtendo as notas escolares, ou indicadores de ajustamento escolar dos alunos individualmente, ou, em alternativa, procurando diferenciar os grupos pelos scores de confiança recíproca e caracterizá-los em resultados académicos, ao nível do grupo.

Bibliografia

Bernath, M. & Feshbach, N. (1995). Children's Trust: Theory, assessment, development, and research directions. *Applied and Preventive Psychology*, 4, 1-19.

Betts, L. & Rotenberg, K. (2007). Trustworthiness, Friendships and Self-Control: Factors that Contribute to Young Children's School Adjustment. *Infant and Child Development*, 16, 491-508.

Betts, L & Rotenberg, K. (2008). A social relations analysis of children's trust in their peers across the Early Years of School. *Social Development*, 17 (4), 1039-1055.

Breda, M. S. J. & Vale-Dias, M. L. (2012). *Escala de Crenças de Confiança Generalizada para Crianças (CGTBS – Portuguesa)*. Versão de investigação não publicada.

Cardoso, T. (2012). *Confiança interpessoal em crianças e socialização: estudo da sua relação e contributo para a adequação da escala CCCTB para a população portuguesa*. Coimbra: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.

Couch, L. & Jones, W. (1997). Measuring Levels of Trust. *Journal of Research in Personality*, 31, 319-336.

Dicionário da Língua Portuguesa, 5ª ed. Porto Editora

Dunn, J. & Schweitzer, M. (2005). Feeling and Believing: The Influence of Emotion on Trust. *Journal of Personality and Social Psychology*, 88 (5), 736-748.

Earle, T. & Siegrist, M. (2006). Morality Information, Performance Information, and Distinction Between Trust and Confidence. *Journal of Applied Social Psychology*, 36, 383-416

Hoy, W. & Tschannen-Moran, M. (1999). Five Faces of Trust: An Empirical Confirmation in Urban Elementary Schools. *Journal of School Leadership*, 9, 184-209.

Jalava, J. (2003). From Norms to Trust. The Luhmannian Connections between Trust and System. *European Journal of Social Theory* 6(2): 173–190.

Mcleod, C. (2011). Trust. *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*, Spring 2011 Edition.

Rotenberg, K. (2001) Interpersonal Trust across the lifespan. *Interpersonal Psychotherapy*. 7866-7868.

Rotenberg, K. (2010). The Conceptualization of Interpersonal Trust: A basis, domain, and target framework. In K. Rotenberg (Ed.), *Interpersonal Trust during childhood and adolescence (8-27)*. Cambridge: Cambridge University Press.

Rotenberg, K, MacDonald, K. & King, E. (2002) The Relationship Between Loneliness and Interpersonal Trust During Middle Childhood. *Journal of Genetic Psychology*, 1650, 233-249.

Rotenberg, K., Fox, C., Green, S., Ruderman, L., Slater, K., Stevens, K. & Carlo, G. (2005). Construction and Validation of a children's interpersonal trust belief scale. *British Psychological Society*, 23, 271-292.

Tanis, M. & Postmes, T. (2005). Short Communication, a social identity approach to Trust: Interpersonal perception, group membership and trusting behavior. *European Journal of Social Psychology*, 35, 413-424.

Tschannen-Moran, M & Hoy, W. (2000). A multidisciplinary analysis of the Nature, Meaning and Measurement of Trust. *Review of Educational Research*, 70 (3), 547-593.

Wieselquist, J., Rusbult, C., Agnew, C. & Foster, C. (1999). Committed, Pro-Relationship Behavior, and trust in Close Relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 77 (5), 942-966.

Anexos

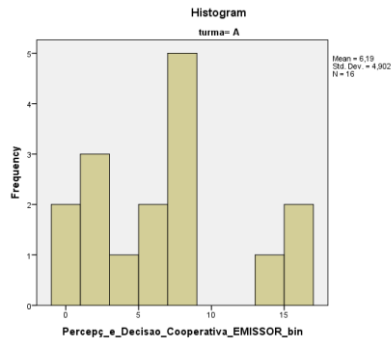
Anexo 1: Resultados da aplicação do Teste de normalidade de Shapiro-Wilk aos dados da nossa amostra obtidos com a CGTBS Portuguesa

Legenda: Shapiro-Wilk teste de normalidade para os valores da amostra da CGTBS portuguesa

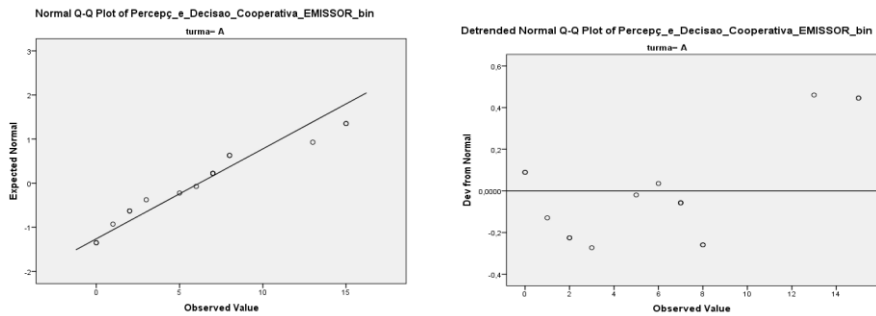
	Shapiro-Wilk		
	Statistic	df	Sig.
EMOC	,966	21	,651
FIDE	,954	21	,399
HONES	,974	21	,811
MAE	,925	21	,108
PAI	,954	21	,400
PROF	,952	21	,371
AMIGO	,981	21	,938
CI_TOTAL	,956	21	,446

Anexo 2: Resultados de Estatística descritiva da medida de Percepção_e_Decisão Cooperativa na tarefa do D.P. :

Histograma de frequências absolutas na medida dada pelo nº de colegas em que cada criança confia no DP (forma da distribuição)



Gráficos Q-Q Plot e Detrenched Q-Q Plot: auxiliares na determinação do desvio à normalidade.



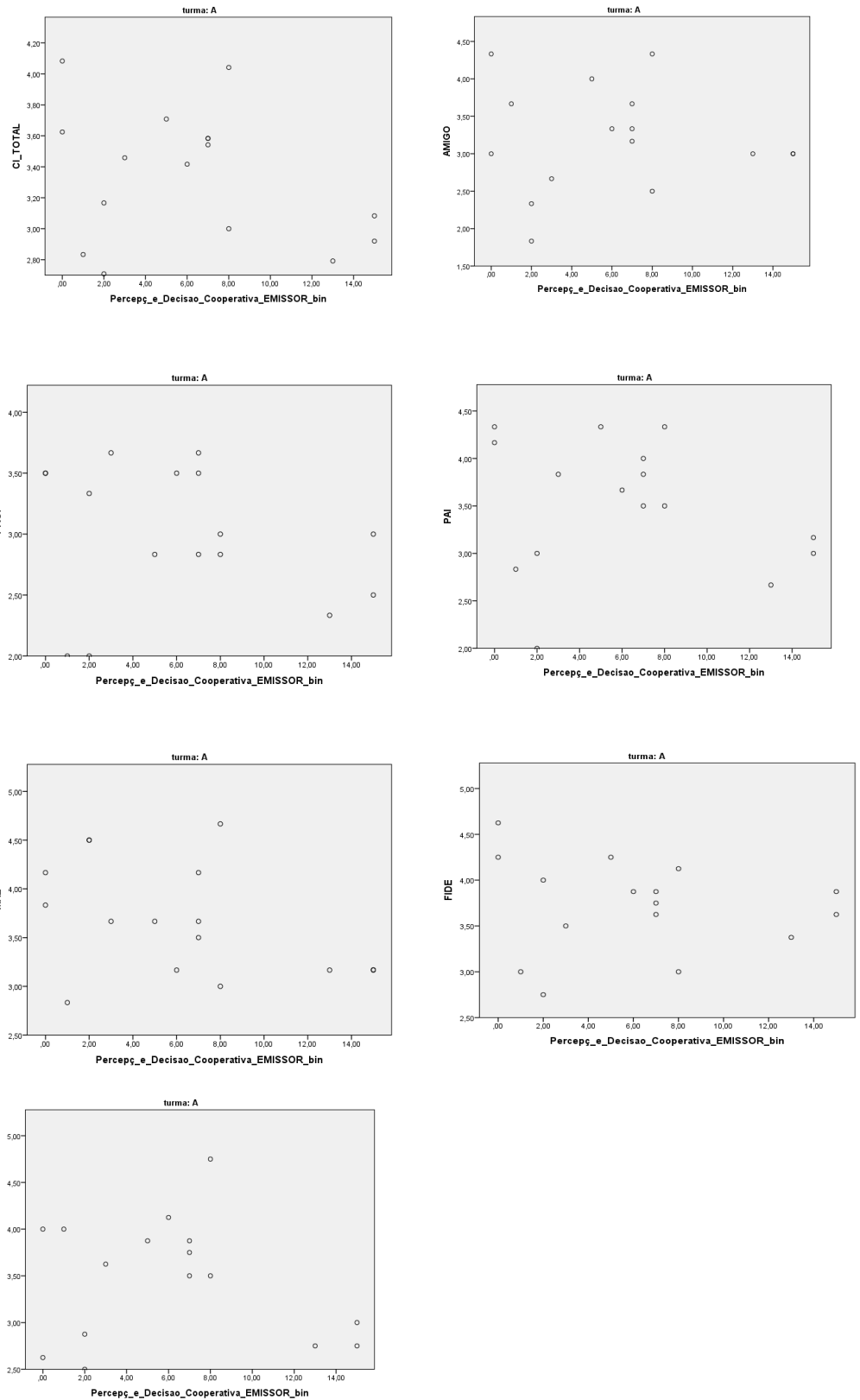
Valores de Curtose e Assimetria, e respetivos erros-padrão e resultados da aplicação do teste de normalidade de Shapiro-Wilk aos dados da tarefa do D.P.

Descriptives ^a		
	Statistic	Std. Error
Skewness	,59	,56
Kurtosis	-,497	1,091

a. turma = A

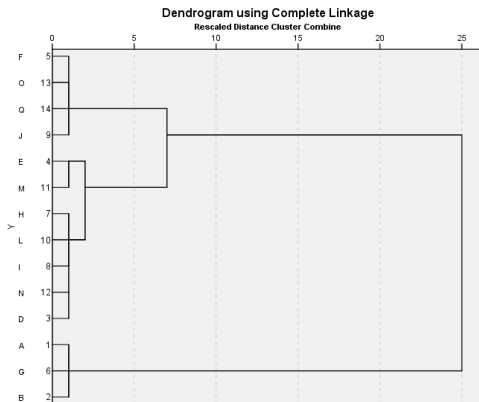
	Shapiro-Wilk		
	Statistic	df	Sig.
Percepç_e_Decisao_Cooperativa	,911	16	,119

Anexo 3: Diagramas de dispersão de observações de diversos scores de crenças generalizadas de confiança interpessoal na CCCTB (eixo de y) representadas em função dos valores na pontuação de percepção e decisão de confiar / cooperar na tarefa de Dilema do Prisioneiro (eixo de x).



Anexo 4: Análise de Clusters hierárquica do score de Percepção_e_Decisão Cooperativas no D.P.: Descrição e Comparação dos Clusters

Dendrograma, e número de observações em cada cluster;



Complete Linkage ^a		
1	2	3
Count	Count	Count
3	7	4

Pontuações de cada cluster em Percepção_e_Decisão Cooperativa no Dilema do Prisioneiro

a		Clusters		
		1	2	3
Percepção e Decisão Cooperativa	Média	14,33	6,86	2,00
	Max	15,00	8,00	3,00
	Min	13,00	5,00	1,00
	D.P.		1,07	,82

Aplicação do teste Não Paramétrico _ Teste da igualdade das medianas_ aos clusters obtidos a título de Ilustração de um Procedimento Adequado a uma amostra mais vasta, com grupos a serem comparados acima do limiar mínimo de 5 elementos.

Hypothesis Test Summary				
	Null Hypothesis	Test	Sig.	Decision
1	The medians of EMOC are the same across categories of Complete Linkage	Independent-Samples Median Test	,117	Retain the null hypothesis.
2	The medians of FIDE are the same across categories of Complete Linkage	Independent-Samples Median Test	,270	Retain the null hypothesis.
3	The medians of HONES are the same across categories of Complete Linkage	Independent-Samples Median Test	,117	Retain the null hypothesis.
4	The medians of MAE are the same across categories of Complete Linkage	Independent-Samples Median Test	,126	Retain the null hypothesis.
5	The medians of PAI are the same across categories of Complete Linkage	Independent-Samples Median Test	,078	Retain the null hypothesis.
6	The medians of PROF are the same across categories of Complete Linkage	Independent-Samples Median Test	,788	Retain the null hypothesis.
7	The medians of AMIG-D are the same across categories of Complete Linkage	Independent-Samples Median Test	,023	Reject the null hypothesis.
8	The medians of CL_TOTAL are the same across categories of Complete Linkage	Independent-Samples Median Test	,023	Reject the null hypothesis.

Asymptotic significances are displayed. The significance level is ,05.

a a variável de reciprocidade

		Statistic	Std. Error
Soma Reciprocidades	Mean	2,86	,61891
	5% Trimmed Mean	2,67	
	Median	2,50	
	Variance	5,36	
	Std. Deviation	2,32	
	Minimum	,00	
	Maximum	9,00	
	Range	9,00	
	Interquartile Range	2,25	
	Skewness	1,589	,597
	Kurtosis	3,083	1,154

a. turma = 1

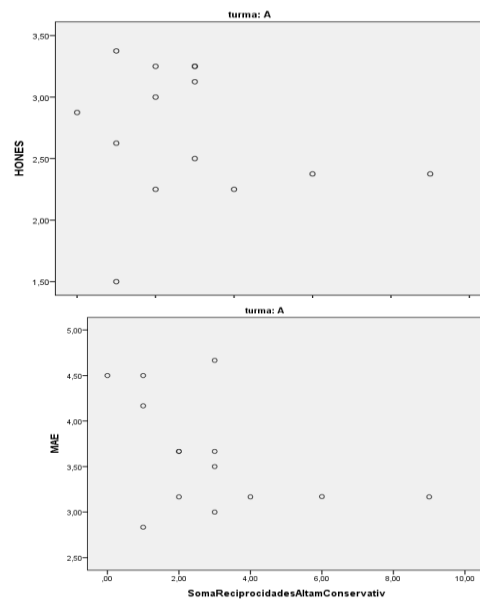
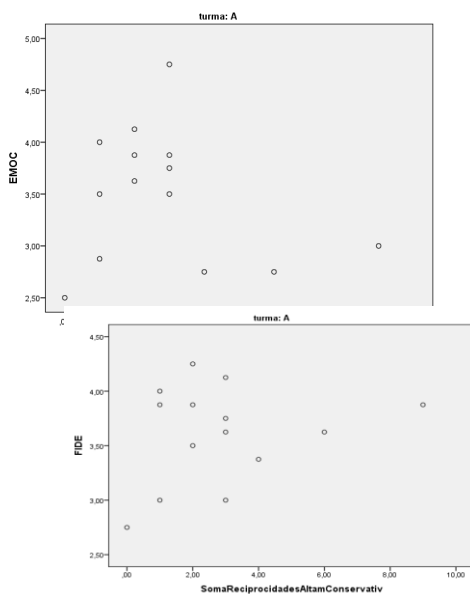
Tests of Normality^a

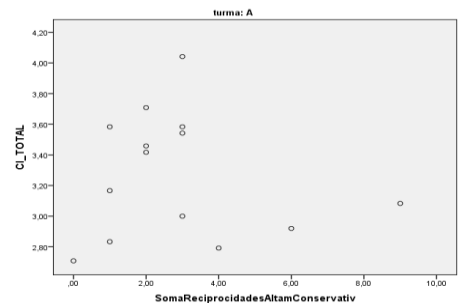
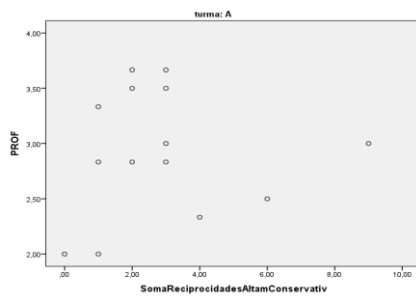
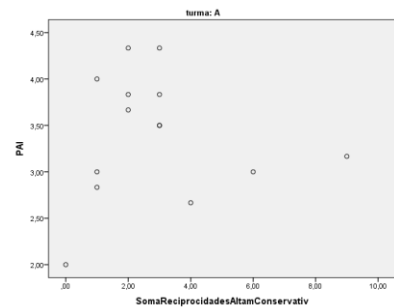
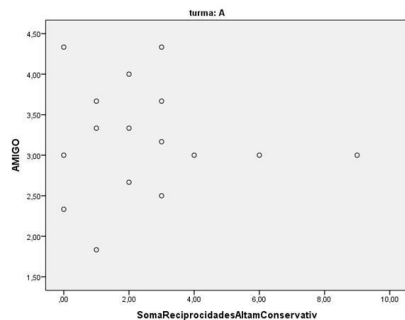
	Kolmogorov-Smirnov ^b			Shapiro-Wilk		
	Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
Soma Reciprocidades Altam Conservativ	,261	14	,010	,851	14	,023

a. turma = A

b. Lilliefors Significance Correction

Anexo 6: Diagramas de dispersão das observações das dimensões- nº de pares com confiança recíproca na tarefa do dilema do prisioneiro- e das dimensões dos scores da CGTBS





Descrição dos resultados: Nos casos das escalas de Bases de Confiança Emocional e Honestidade o padrão visual é parecido entre si.

No tocante à da Escala de Confiança Emocional da CGTBS versão portuguesa: as crianças com muito baixa ou muito alta Reciprocidade apresentam crenças generalizadas de Confiança Emocional mais baixas. No caso das de muito alta reciprocidade essas crenças situam-se entre 2.5 e 3 na escala de respostas em 5 pontos. Já as crianças que têm valores intermédios de reciprocidade (score entre 2 e 4 nesta medida de reciprocidade) manifestam crenças de Confiança Emocional acima dos 3.5 pontos. Não se evidencia uma relação linear.

No caso da Escala de Base Honestidade, com uma exceção, as crianças de baixa e moderada reciprocidade apresentam níveis muito variáveis, que vão desde baixos a altos de crenças generalizadas no que se refere à gama observada (entre 2.3 e 3.5), mas as 3 crianças com elevada reciprocidade apresentam valores mais constantes em redor do 2.5. neste caso, (posta a exceção de uma criança com baixa Reciprocidade e muito baixo score em Honestidade), o padrão parece evidenciar uma diminuição das crenças nesta base com a reciprocidade, embora mais por via de diminuição da variabilidade em zonas de crenças elevadas.

No caso da Escala de base Fidelidade denota valores variáveis nas zonas da distribuição da reciprocidade baixa e moderada (desde os 2.8 até acima de 4 pontos), mas as 3 crianças que apresentam scores em reciprocidade mais altos apresentam valores em Fidelidade entre 3.5 e 4. Não se observa uma relação linear, e aqui não se regista tendência a decréscimo nas crenças generalizadas com a Reciprocidade.

Nos casos das Escalas de Alvo Mãe, Pai e Professor da CGTBS o padrão é muito parecido e próximo ao verificado com a Fidelidade: Em zonas da distribuição da Reciprocidade, de valores baixos e médios, a variabilidade nas crenças grande

(entre 2.8 e acima de 4.5, no caso Mãe), e em zonas de alta reciprocidade, esses valores estabilizam (ligeiramente acima do valor 3, no caso Mãe). No geral, a relação não é linear, mas poderá ser decrescente, por progressivo desaparecimento da variabilidade em zonas de elevadas crenças generalizadas com a Reciprocidade com os pares.

O mesmo padrão do alvo Mãe é encontrado para a figura do Pai e do Professor.

No tocante ao Alvo Amigo, o padrão é: a variabilidade é grande na zona de baixa e intermédia de Reciprocidade (com uma certa tendência para a baixa Reciprocidade apresentar valores mínimos muito baixos e a de intermédia Reciprocidade apresentar valores mais positivos dentro de uma gamagrande); já as 3 crianças que apresentam mais alta Reciprocidade estabilizam os seus scores de crenças generalizadas no Amigo no ponto 3 (“não sei”).

No score total da CGTBS, também se verifica a elevada variabilidade nos segmentos baixos e intermédios de distribuição da Reciprocidade, e menor variabilidade no segmento de elevada Reciprocidade. Ao mesmo tempo, há uma tendência para as crenças generalizadas crescerem da baixa para a média Reciprocidade (de um range de 2.8-3.6. para um range 3.4-4.1), e voltarem a decrescer com a elevada reciprocidade (entre 2.8 e 3).

Anexo 7: Análise de Correlação Não Paramétrica (Ró de Spearman) entre as variáveis de Reciprocidade na Tarefa do Dilema do Prisioneiro (número de colegas com quem tem confiança recíproca (indicado por “soma de reciprocidades”) e Crenças Generalizadas

		Soma Reciprocidades
EMOC	Ró	-,08
	Sig. (2-tailed)	,79
	n	14
FIDE	Ró	,08
	Sig. (2-tailed)	,78
	n	14
HONES	Rho	-,19
	Sig. (2-tailed)	,53
	n	14
MAE	Rho	-,38
	Sig. (2-tailed)	,18
	n	14
PAI	Rho	,03
	Sig. (2-tailed)	,92
	n	14
PROF	Rho	,16
	Sig. (2-tailed)	,59
	n	14
AMIGO	Rho	,09
	Sig. (2-tailed)	,76
	n	14
CI_TOTAL	Rho	,01
	Sig. (2-tailed)	,97
	n	14

























Anexo 8: Análise de Clusters hierárquica do score de Reciprocidade no D.P: Número de Observações em cada cluster; Valores que estes assumem em reciprocidade e nas Subescalas da CGTBS

Complete Linkage ^a		
1	2	3
Count	Count	Count
2	5	7

a. turma = 1

a		Complete Linkage		
		1	2	3
SomaReciprocidadesAltam Conservativ	Mean		3,20	1,29
	Median		3,00	1,00
	Minimum	6,00	3,00	,00
	Maximum	9,00	4,00	2,00

**Valores que os clusters de Reciprocidade assumem nas escalas da CGTBS:
Medidas de tendência central e Dispersão dos clusters 2 e 3**

a		Complete Linkage		
		1	2	3
EMOC	Mean		3,73	3,50
	Median		3,75	3,63
	Minimum	2,75	2,75	2,50
	Maximum	3,00	4,75	4,13
	Standard Deviation		,72	,60
FIDE	Mean		3,58	3,61
	Median		3,63	3,88
	Minimum	3,63	3,00	2,75
	Maximum	3,88	4,13	4,25
	Standard Deviation		,42	,55
HONES	Mean		2,88	2,70
	Median		3,13	2,88
	Minimum	2,38	2,25	1,50
	Maximum	2,38	3,25	3,38
	Standard Deviation		,47	,65
MAE	Mean		3,60	3,79
	Median		3,50	3,67
	Minimum	3,17	3,00	2,83
	Maximum	3,17	4,67	4,50
	Standard Deviation		,65	,64
PAI	Mean		3,57	3,38
	Median		3,50	3,67
	Minimum	3,00	2,67	2,00
	Maximum	3,17	4,33	4,33
	Standard Deviation		,61	,81
PROF	Mean		3,07	2,88
	Median		3,00	2,83
	Minimum	2,50	2,33	2,00
	Maximum	3,00	3,67	3,67
	Standard Deviation		,53	,68
AMIGO	Mean		3,33	3,02
	Median		3,17	3,33
	Minimum	3,00	2,50	1,83
	Maximum	3,00	4,33	4,00
	Standard Deviation		,70	,77
CI_TOTAL	Mean		3,39	3,27
	Median		3,54	3,42
	Minimum	2,92	2,79	2,71
	Maximum	3,08	4,04	3,71
	Standard Deviation		,50	,38

turma = A